



**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM/MS**  
**CURSO DE LETRAS**

**ANIELY APARECIDA DE LARA.**

**UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA  
EDUCAÇÃO PÚBLICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.**

**JARDIM-MS**

**2020**



**ANIELY APARECIDA DE LARA**

**UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA  
EDUCAÇÃO PÚBLICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras, Habilitação Português – Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti.**

JARDIM - MS

2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

ACADÊMICA, ANIELY APARECIDA DE LARA.

Título, UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA EDUCAÇÃO PÚBLICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português – Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Covid-19; Multiletramentos; TIDCs

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

**ANIELY APARECIDA DE LARA.**

Jardim / MS, 2020



CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO POTUGUÊS / INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
**ANIELY APARECIDA DE LARA.**

**UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA  
EDUCAÇÃO PÚBLICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.**

APROVADO EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ /

---

Orientadora: **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti – UEMS**

---

Prof. Dr. Anailton de Souza Gama

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Maria de Lourdes Cerezer



Honro o fechamento deste ciclo e dedico esse trabalho a minha mãe solo, que sempre esteve ao meu lado. Gratidão!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Criador do Universo, porque sem ele nada seria possível. Por muitas noites Ele foi minha fonte inesgotável de coragem.

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti que apesar da intensa rotina acadêmica aceitou me orientar nesta monografia. As suas valiosas indicações e contribuições tornaram possível este trabalho.

Gratidão pela minha mãe, e sua presença, seu amor incondicional na minha vida. Esta monografia é a prova de que os esforços dela pela minha educação não foram em vão e valeram a pena.

Agradeço imensamente a meu filho Lucas Lara, por ter sido tão compreensivo as várias horas em que estive ausente por conta das aulas e do desenvolvimento deste trabalho. Muitas vezes eu pude encontrar força e coragem nele, através de suas doces palavras de apoio.

Agradeço a minha amiga Mirlaine Fernandes de Melo que durante todo o curso dedicou-se a cuidar do meu filho para que eu pudesse me deslocar todas as noites à cidade vizinha por quatro anos, sem o seu esforço, seu tempo e sua dedicação isso não seria possível.

Sou grata a todo corpo docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Jardim, que sempre transmitiram conhecimento com muito profissionalismo, possibilitando meu crescimento profissional e principalmente pessoal.

Gratidão a minha terapeuta Maria de Lourdes Cerezer, sua luz amparou-me em um momento de extrema dificuldade. Luz essa que me proporcionou cura.

Também agradeço aos meus colegas de curso, pela cooperação mútua durante esses anos. Em especial a minha gêmea Edilaine Ortiz, principalmente pelas inúmeras construções que pudemos fazer juntas e que muito me encorajaram.

*“A alegria não chega apenas no encontro do  
achado, mas faz parte do processo da busca. E  
ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura,  
fora da boniteza e da alegria.”*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O surgimento do novo vírus COVID-19 que ocasionou uma pandemia mundial transformou a vida e o cotidiano das pessoas, o cenário pandêmico exigiu da população medidas de biossegurança e o distanciamento social. O campo educacional precisou de adaptações diante do desafio de se ensinar fora do espaço escolar, alunos e professores passaram a ocupar espaços virtuais para o desenvolvimento das aulas. Tais mudanças evidenciam a urgência da inclusão tecnológica tanto nas escolas quanto nos lares. A presente pesquisa tem como objetivo relatar, analisar e refletir os desafios e adaptações durante a pandemia de covid-19, de uma escola pública, situada no interior de Mato Grosso do Sul. Por meio de estudo do documento norteador educacional Base Nacional Comum Curricular e das teorias anteriores à pandemia que enfatizavam a necessidade do ensino/aprendizagem para além da letra: os Multiletramentos. Com metodologia qualitativa, procederam-se à observação e a entrevista previamente contextualizada com profissionais docentes da Escola Estadual Odete Ignêz Resstel Villas Bôas. O estudo contextualizou o cenário e a realidade da Instituição inserida em uma cidade interiorana, caracterizando fatores que se mantêm atuantes e relevantes para as transformações futuras, e buscam o diálogo institucional no sistema educacional e, em especial, na organização social. Constatou-se a carência de recursos tecnológicos, digitais e de acesso a internet para atender à demanda tanto dos alunos quanto dos professores, bem como a necessidade de fortalecer as políticas públicas a fim de angariar recursos para construir uma educação igualitária e um sistema referenciado, observou-se também a urgência de investimento na carreira docente e a ressignificação do papel do professor. Observaram-se possibilidades de interação entre a população organizada e a organização social por meio de plataformas digitais. Concluiu-se que aquisição e manutenção de equipamentos não são suficientes para promover a educação multiletrada e digital de forma democrática e igualitária.

**Palavras-chave: covid-19; Multiletramentos; TIDCS**

## **ABSTRACT**

The emergence of the new virus COVID-19 that caused a global pandemic transformed people's lives and daily lives, the pandemic scenario demanded from the population biosafety measures and social distance. The educational field needed adaptations in the face of the challenge of teaching outside the school space, students and teachers began to occupy virtual spaces for the development of classes. Such changes show the urgency of technological inclusion both in schools and in homes. It is proposed to observe, describe and analyze the limitations and difficulties faced by a Public School in the municipality of Nioaque / MS. Through the study of the educational guiding document Base Nacional Curricular and the theories prior to the pandemic that emphasized the need for teaching / learning beyond the letter: the Multiliteracies, using qualitative methodology, proceeded to observation and the interview, previously contextualized, with teaching professionals from Odete Ignêz State School Resstel Villas Bôas. The study contextualized the scenario and the reality of the Institution inserted in a city in the countryside, characterizing factors that remain active and relevant for future transformations, and seek institutional dialogue in the educational system and, especially, in the social organization. He noted the lack of technological, digital resources and internet access to meet the demand of both students and teachers, as well as the need to strengthen public policies in order to raise resources to build an egalitarian education and referenced system. He observed possibilities of interaction between the organized population and the social organization through digital platforms. It was concluded that regulated partnerships are effective in everyday life and that, for this, it is also necessary to have a participative attitude from the school community, as well as, permeability for democratic relations.

**Keywords:** Covid-q9; Multi-tools; TIDCS

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1 A URGÊNCIA DA INCLUSÃO DIGITAL ANTERIOR À PANDEMIA .....	14
1.1 Algumas orientações educacionais que propõe a inclusão tecnológica .....	15
1.2 Contribuições das teorias do Letramento e dos Multiletramentos.....	20
2 A ENTREVISTA.....	25
2.1 Conhecendo a Instituição e os Entrevistados .....	26
3 RELATOS DE VIVÊNCIAS E DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE E ANEXO .....	51
APÊNDICE A - Aceite de convite de entrevista.....	52
APÊNDICE B – Autorização de divulgação de identidade dos entrevistados (Coordenadora Pedagógica) .....	53
APÊNDICE C – Autorização de identidade dos entrevistados (Diretora Adjunta).....	54
APÊNDICE D – Autorização de identidade dos entrevistados (Diretor) .....	55
APÊNDICE E – Convite virtual da entrevista .....	56
APÊNDICE F – Transmissão da entrevista.....	57
APÊNDICE G – Roteiro de apresentação .....	58
ANEXO A – Decreto n. 15.393, de 19 de março de 2020 .....	59
ANEXO B – Resolução/SED n. 3745, de 19 de março de 2020.....	60

## INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, todos os noticiários de TV, nacionais e internacionais, anunciavam o surgimento de um novo vírus em Wuhan, na China. O COVID-19 (ou Coronavírus) preocupava as autoridades do mundo todo; medidas de segurança foram tomadas para tentar controlar o contágio, porém não demorou muito para surgir registros de casos em outros países, uma vez que a disseminação do vírus ocorre por meio do contato físico entre as pessoas e se prolifera de maneira comunitária.

Conforme informações da Organização Pan-Americana de Saúde OPAS (2020), o surgimento da pandemia de COVID 19, no Brasil, se deu em fevereiro de 2020, os primeiros casos investigados foram descartados nos estados de Rio Grande do Sul e em São Paulo. O primeiro caso confirmado no Brasil foi registrado na data de 26 de fevereiro de 2020, no estado de São Paulo. Um mês depois, no dia 26 de março de 2020, o Ministério da Saúde contabilizou 2.915 casos confirmados e 77 pessoas mortas.

O surgimento da pandemia exigiu muitas mudanças nos hábitos e na rotina da população, principalmente o isolamento social ocasionando, assim, a suspensão das aulas presenciais.

Em 17 de março de 2020, o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul publica o decreto Nº 15.393 para atender as medidas de segurança e de enfrentamento à disseminação do novo vírus, suspendendo as aulas presenciais. Em seguida, no dia 19 de março, publica a Resolução/SED N. 3745 de 19 de março de 2020, implantando o sistema de aulas remotas, através da oferta de Atividade Pedagógica Complementar (APC), que permaneceu vigente até os dias atuais.

Tal medida afetou diretamente a rotina escolar tanto dos alunos, quanto dos professores. Este trabalho pretende analisar, descrever e refletir sobre: os desafios, as adaptações e as perspectivas futuras de uma escola pública do município de Nioaque/MS, diante do cenário pandêmico.

Conforme estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019) a população do município de Nioaque/MS é de 13.862 habitantes, trata-se, portanto de uma cidade interiorana e pequena. Nioaque possui escolas na zona rural e urbana, este trabalho dedicou-se a investigar os impactos da pandemia de COVID - 19 causados especificamente na Escola Estadual Odete Ignêz Resstel Villas Bôas, uma vez

que a Instituição concentra o maior número de alunados e o maior corpo docente do município, visando uma coleta de dados mais diversa e ampla, abrangendo as diversas condições sociais da escola.

Este estudo visa contribuir no âmbito científico no que diz respeito às metodologias de ensino voltadas para o Letramento e Multiletramento, bem como na inclusão das tecnologias digitais de informação e comunicação (TIDCs) nas escolas públicas. Visa contribuir também no âmbito social, pois a problemática pandêmica na educação afeta mais severamente a população desfavorecida, no que tange a posse de equipamentos tecnológicos e acesso a internet, etc.

Para isso, o presente trabalho validou-se de pesquisa bibliográfica e qualitativa, promovendo uma discussão entre as teorias do Letramento e Multiletramento; orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e relatos de vivências de profissionais da referida escola quanto aos desafios e adaptações enfrentadas diante do isolamento social.

A coleta de dados se deu por meio de entrevista de forma remota e digital, respeitando as orientações de biossegurança. A entrevista ocorreu no dia 07 de dezembro de 2020 às 14 horas, em sala virtual do *Facebook* transmitida ao vivo. Buscou-se atingir o maior número de pessoas e divulgar o conteúdo para a comunidade geral, permanecendo o vídeo disponível na rede social para acessos posteriores.

A presente pesquisa tem como objetivo geral, analisar os desafios e adaptações de uma escola pública, situada no interior do Mato Grosso do Sul, quanto à necessidade da inclusão digital e tecnológica tanto no que diz respeito aos alunos quanto aos professores diante do cenário pandêmico. Para isso buscou-se: definir o contexto pandêmico; apontar as medidas de biossegurança adotadas para o enfrentamento ao novo vírus em contexto educacional; refletir as alterações sociais ocasionadas pela globalização e pelo avanço tecnológico; elencar algumas orientações da BNCC referente ao uso de tecnologias no ensino; apresentar as importantes contribuições das teorias do Letramento e do Multiletramento diante da sociedade informacional e organizada em rede; descrever as características diversas da comunidade escolar bem como apontar a sua estrutura e condições tecnológicas; executar a coleta de dados por meio entrevista a fim de produzir conteúdo em plataforma digital; refletir a prática docente por meio dos relatos das vivências dos profissionais da instituição para então



apontar as principais dificuldades enfrentadas pelos diretores, coordenadores e professores da escola escolhida.

Com base nas relevâncias citadas anteriormente e num estudo aprofundado da questão, espera-se ter informações suficientes para concluir se os recursos tecnológicos presentes na escola e da população de Nioaque/MS ocasionaram o ensino remoto de forma democrática e igualitária, e ainda descobrir quais foram as reais adaptações, desafios, desvantagens e vantagens do cenário pandêmico.

Se verificado que os recursos não foram suficientes, visa-se refletir sobre possíveis transformações e mudanças no âmbito social, político e educacional para assim, construir perspectivas e possibilidades futuras.

Esse trabalho está estruturado da seguinte maneira: 1- Referencial teórico; 2- Metodologia; 3- Análise dos dados coletados; Considerações Finais; Referências e Anexo.

Vejamos a seguir, teorias que já apontavam a necessidade de se ensinar/aprender de forma multiletrada, bem como a urgência em se incluir tecnologia no ensino.

## 1 A URGÊNCIA DA INCLUSÃO DIGITAL ANTERIOR À PANDEMIA

Sabe-se que o uso da tecnologia, hoje, comparado ao século XX, cresceu e avançou muito. Esse avanço tecnológico faz-se presente não apenas nas empresas privadas e públicas, mas também no dia a dia das pessoas. Atualmente os celulares têm funções e ferramentas suficientes para não precisarmos mais usar os computadores, oferecendo a comodidade de operar transações bancárias, fazer compras (inclusive internacionais), pagar boletos, sem sair de casa e com a rapidez de um clique. Desse modo, entende-se que os cidadãos estão descobrindo, experimentando e criando possibilidades por meio das tecnologias, dos equipamentos, das plataformas e aplicativos em seu cotidiano. Essas mudanças causam impacto direto na vida, no comportamento das pessoas e na organização da sociedade e da cultura que a partir dos anos de 1980 passa a ser chamada de “sociedade informacional” ou “sociedade em rede” pelo sociólogo Manuel Castells (2005), em sua obra intitulada “Sociedade em rede”.

O autor elege a tecnologia da informação como o paradigma das mudanças sociais que reestruturam o modo de produção capitalista. Para Castells (2005), o modo de produção é o mesmo (capitalismo), mas surge uma nova ferramenta para a produção que é a tecnologia da informação.

A expansão e a revolução tecnológica romperam as fronteiras, já que a informação é disseminada de forma muito facilitada e rápida para qualquer lugar do mundo. O autor aponta ainda que todas as dimensões da nossa sociedade estão interligadas em uma rede. Esta configuração social permite que os sujeitos interajam entre si estando em qualquer lugar do mundo através da rede de informações.

Nesse contexto de transformação, evidenciam-se mudanças significativas ocorridas nas relações sociais, empresariais, econômicas, políticas, bem como nas escolares, ao pensar a sociedade em rede, bem como em suas fronteiras agora quebradas; é necessário refletir sobre novas formas de ensinar e de aprender. A organização social e educação já orienta a necessidade de inclusão tecnológica nas escolas. Vejamos a seguir as importantes orientações propostas pela BNCC quanto às tecnologias no ensino:

### **1.1 Algumas orientações educacionais que propõe a inclusão tecnológica**

Um dos documentos que norteia a Educação, a “Base Nacional Comum Curricular” (2018), doravante BNCC, aponta e propõe a necessidade e a importância em promover a inclusão de tecnologias digitais no ensino.

Segundo a BNCC (2018), é preciso preparar os jovens para as mudanças sociais e para as mudanças no mercado de trabalho, pois “grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais” (BRASIL, 2018, p. 473).

A Competência Geral 4 do referido documento trata da comunicação, inclusive o uso da linguagem em suas diversas formas: oral ou visual, como Libras e escrita. A referida competência trata ainda sobre as linguagens físicas: visuais, sonoras e digitais. A proposta dessa competência tem como objetivo produzir significados através da diversidade linguística a fim de promover o entendimento mútuo.

Tal diversidade linguística também está relacionada ao multiletramento, ou seja, a competência dialoga sobre a necessidade de se desenvolver a habilidade de se comunicar por meio de linguagem, seja: textual, corporal, artística, sonora ou científica. Propõe ainda que o educando saiba como se expressar usando ferramentas digitais, plataformas de multimídias, analógicas e digitais bem como as inúmeras redes sociais.

Na seção 5.1 BNCC (2018, p. 473 – 516) o documento aborda as linguagens e suas tecnologias evidenciando a necessidade de uma formação que promova e ocasione a participação plena do alunado nas diversas práticas sociais, a partir da diversidade de linguagens. A área de linguagens e suas tecnologias busca desenvolver de forma ampla as habilidades de uso, de funcionalidade e de reflexão sobre a língua, levando em conta a diversidade cultural.

Este campo do documento sugere que os alunos adquiram uma rica experiência em diferentes vivências de linguagem, em diferentes meios de comunicação; sendo: impressa, digital, analogia; situadas em diferentes áreas sociais, e que estejam relacionadas com suas vivências culturais, suas práticas cidadãs, seu desenvolvimento profissional.

O documento também evidencia a importância social dessas práticas, uma vez que “visam à participação qualificada no mundo, por meio de argumentação,

formulação e avaliação de propostas e tomada de decisões orientadas pela ética e o bem comum” (BRASIL, 2017, p. 477).

Nesse sentido, antes mesmo de abordar as competências e habilidades específicas que devem nortear o ensino de gêneros, os princípios norteadores mencionam claramente a conexão entre a cultura digital e as novas práticas sociais da linguagem que emergem e são atravessadas pela globalização e pelas TDICS. Conforme vê-se no fragmento abaixo:

Para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo centralidade na educação escolar, é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos, os novos letramentos, entre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais e de linguagem. (BRASIL, 2017, p. 478)

Diante disso, é urgente pensar que com o contínuo surgimento de novas tecnologias, as novas formas de interação, os espaços educacionais precisam ser reformulados, ou seja, é preciso adaptar a interação e o ambiente educacional às novas formas de produção midiáticas e digitais. Rojo e Brabosa (2015, p. 116) reforçam essa ideia argumentando que o gênero do discurso pode ser modificado para atender às necessidades das diversas atividades e interações humanas no ambiente virtual, destacam ainda que as práticas de letramentos devem considerar esses fatos mutantes.

O que se pode perceber, portanto, é que do velho quadro negro à informática as novas tecnologias devem ser incorporadas ao processo de ensino aprendizagem, contribuindo para a construção do conhecimento e oportunizando que o aluno protagonize essas práticas e vivências por meio dessas tecnologias (equipamentos, ferramentas, plataformas, etc.).

Conforme a competência 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, p. 473)

Percebe-se que inserir novas tecnologias no ensino não deve ser concebido apenas para fins de estimular curiosidade, incentivar e instigar o aluno por meio de equipamentos, aplicativos e espaços virtuais, mas sim promover que ele produzida

conhecimento a partir dessas tecnologias. O aluno não deve ser limitado a mero telespectador do fazer pedagógico digital do professor. É preciso promover a sua autoria, o seu protagonismo e criatividade.

Essa evolução tecnológica faz parte da vida e do cotidiano dos educandos, os nativos digitais, nascidos a partir de 1995, período em que a internet tornou-se uma realidade nas empresas e também nas residências, são chamados também de geração Z. Contudo, dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019) revelam que 45,9 milhões de brasileiros, representando 25% da população acima de dez anos, não têm acesso à internet. Esses dados evidenciam o cenário desigual e excludente da sociedade brasileira, pensar que mais de 45 milhões de pessoas não tem acesso a internet nos revela a necessidade de políticas públicas que busquem e viabilizem recursos para que a tecnologia chegue às casas e nas vidas das pessoas. A exclusão digital ocasiona a desinformação, a falta de oportunidades e, sobretudo, a desigualdade social e educacional.

Outro fator relevante é que muitas instituições de ensino, por meio de regimento interno, proíbem o uso de celulares e tablets em salas de aula. Além disso, alguns professores têm certa resistência quanto ao uso das novas tecnologias em suas práticas pedagógicas. O que ocorre na maioria das vezes ao incorporar as novas tecnologias nas aulas, é que elas são utilizadas apenas para revestir a prática anterior, ou seja, recorre-se ao computador, por exemplo, para fazer leituras de textos e exercícios que poderiam ser feitos normalmente em um caderno, ou o aluno é submetido a assistir o professor fazendo uso desses aparelhos como: Datashow, caixa de som, microfone, lousa digital, etc. O que se espera é que ocorra a interação do aluno / conteúdo / professor / equipamento / plataforma / mídia. Espera-se que o aluno possa desenvolver, produzir, descobrir e protagonizar o processo de aprendizagem mediado pelas novas tecnologias. Ao pensar nessa perspectiva, ainda que o aluno não possua ferramentas e acesso em casa, ao oportunizar essa interação a escola cumpre um importante papel social de inclusão social e digital, integra e inclui o aluno na agora sociedade em rede.

Na contramão disso percebe-se que muitas escolas ainda utilizam material impresso para que os alunos coleem em seus cadernos e, quando recorrem a recursos tecnológicos limitam-se ao retroprojetor. Durante a adaptação do ensino remoto emergencial, muitos professores limitaram suas aulas a postagens de fotos de atividades impressas nas plataformas, para que o aluno transcrevesse o conteúdo no caderno e

devolvesse através de fotografia, ou seja, o uso da tecnologia nesse caso limitou-se a uma câmera de celular, porém a prática pedagógica continuou sendo a mesma. Alunos escreveram, leram e fizeram suas atividades não em uma plataforma mediada pelas tecnologias, mas sim com um lápis e seus cadernos, a plataforma se deu apenas como um espaço de postagem de conteúdo e atividades. Já em outras situações, a plataforma foi utilizada apenas para indicar as páginas do livro didático a serem lidas e desenvolvidas atividades e as devolutivas dos alunos ocorreram através de imagens das respostas nos respectivos livros. Aqui temos exemplos de se vestir o velho com uma roupa nova.

Esses equipamentos, dispositivos e ferramentas tecnológicas, além de fazer parte do cotidiano dos alunos podem contribuir para o aprendizado dos mesmos, uma vez que é possível se ter à mão *ebooks* digitais, dicionários, *podcasts*, *blogs*, artigos de opinião, etc. Tais recursos otimizariam a disposição do tempo e dinamizariam as aulas, enriquecendo os debates e as construções de significado.

Refletir sobre as tecnologias e inseri-las no ensino é algo que vem sendo discutido e pensado há algum tempo, sendo que a inclusão tecnológica vem sendo promovida ainda que lentamente, uma vez que parte das escolas do país possui laboratório de informática, internet, lousas digitais. Contudo, como veremos em breve na entrevista realizada para esta pesquisa, esses recursos são insuficientes e não atendem a todos de forma igualitária.

O que não se esperava é que essa imersão tecnológica ocorresse abruptamente, lançando todas as pessoas para a prática radical, sobretudo tendo como motivo um vírus que nos faria vivenciar uma pandemia. Assim, da velha lousa e diretamente para as telas de computadores e celulares, o ensino/aprendizagem passa a ocorrer em outros espaços, outros lugares agora virtuais.

Essa realidade demonstra que a inclusão digital deve ir além da aquisição de equipamentos, além da contratação e disponibilização de pacotes de internet. Se pensarmos que o vírus forçou a educação a experimentar novas metodologias pedagógicas e isso representou grandes desafios aos professores, uma vez que, boa parte dos profissionais não estavam atualizados quanto às tecnologias na educação, é preciso investir em formação e introduzir efetivamente as TIDCs no ensino, além de fortalecer políticas públicas a fim de alcançar tais recursos de forma igualitária.

Para Pereira (2007, p. 13), a falta de capacitação, preparação e domínio do professor frente às tecnologias evidencia certa emergência. O que se percebe é que a disponibilização de itens tecnológicos e de informática não têm sido suficiente para inserir as TIDCs no ensino. É preciso pensar em preparar os professores e os alunos para o uso dessas ferramentas. Sendo assim, é importante destacar a necessidade da escola de se reinventar, além da urgência da valorização do professor, fazendo-se necessários investimentos em capacitações e formações continuadas voltadas para área tecnológica.

Portanto, é relevante destacar que a inclusão tecnológica não se restringe apenas ao uso do computador ou ao manuseio de máquinas. A inclusão tecnológica deve ser promovida principalmente através da capacitação dos usuários, aqui devemos pensar nos alunos e professores.

A fim de repensar o uso das tecnologias na escola e (re) significar os multiletramentos, a partir da pandemia de COVID 19, elabora-se essa pesquisa, com objetivo de através das vivências, dos relatos e da realidade enfrentada por professores, projetar para o agora e para o amanhã uma educação para além da lousa e do giz. Portanto, este trabalho interessa-se e pelos desafios do Ensino Remoto Emergencial numa escola pública do município de Nioaque/MS.

A partir das considerações expostas até aqui, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: Quais são os desafios, as adaptações e as aprendizagens dos professores da Rede Pública de Ensino, relacionadas ao ensino remoto durante o distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19, e, quais são suas perspectivas e expectativas em relação ao ensino no período pós-pandemia?

Esta é uma pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir da coleta de dados por meio de entrevista ocorrida em uma plataforma digital, previamente elaborada de forma contextualizada, a fim de reunir relatos de professores que atuam na Escola Estadual Odete Ignêz Resstel Villas Bôas de Nioaque/MS, nesse cenário pandêmico, visando apontar, descrever e refletir os fenômenos ocorridos no ensino remoto emergencial.

Além dos levantamentos feitos a partir das vivências dos professores, essa pesquisa também bibliográfica focou-se nos estudos e teorias do Letramento e Multiletramento, bem como nas orientações do documento “Base Nacional Comum Curricular”.

A importância desta pesquisa encontra-se na necessidade de documentar, registrar e divulgar o processo de transição de um modelo de ensino presencial para um ensino realizado de forma remota e emergencial, mediado exclusivamente pelas tecnologias. Espera-se ainda (re) pensar e (re) significar as teorias e práticas de letramento e multiletramento. Para isso apresenta-se a seguir o levantamento bibliográfico realizado para contextualização do levantamento de dados que se deu de forma multimodal e multissemiótica, através de *Live* realizada no perfil do *Facebook* da pesquisadora.

## **1.2 Contribuições das teorias do Letramento e dos Multiletramentos**

Rojo (2012) considera que os Multiletramentos são interativos e, além disso, são colaborativos devido ao fato de se utilizar a mídia digital como, por exemplo, o computador, o celular, a TV, etc., para que haja interação em vários níveis com diferentes interlocutores; pode-se perceber isso a partir do avanço da globalização. Facilmente podemos nos comunicar com pessoas que estão em outros países, interagir através de aplicativos de conversa em nossos equipamentos digitais, seja em conversas informais ou ao fazer negociações comerciais. Hoje é possível conhecer outros costumes, culturas, outras realidades e até mesmo aprender outra língua com o uso desses dispositivos e aplicativos.

Já segundo Kleiman (1995, ROJO, 2009, p.97), o termo Letramento foi usado inicialmente com o objetivo de diferenciar os estudos relacionados ao “Impacto social da escrita” daqueles sobre a alfabetização, isto é, a escrita que antes era restrita a uma classe passa a ser direito universal de todas as pessoas.

Kleiman (1995, p.21) afirma que “as práticas de letramento, no plural, são socialmente e culturalmente determinadas e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida”. Isso significa que o sujeito é capaz de internalizar as práticas de leituras e escritas que permeiam o ambiente em que ele vive.

Rojo (2004, p.31) complementa a definição de Kleiman trazendo a concepção de Multiletramento:

‘multiletramento’, aqui, significa que compreender e produzir textos, não se restringe ao trato do verbal, oral e escrito, mas à capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos etc. – para delas tirar sentido.



No multiletramento o texto não limita-se à letra, à palavra, ele é diverso, amplo e híbrido. Os recursos midiáticos contribuem para a construção do hipertexto, que agrega a letra, ritmo, cores, movimentos, links de direcionamento, etc.

Desse modo, deve-se olhar para o cenário pandêmico também de forma positiva ao pensar a importância e a necessidade de se produzir conhecimentos, saberes e aprendizados de forma híbrida, diversificada e múltipla. De fato, a pandemia proporcionou que alunos e professores se reinventassem e rompessem os limites da letra vivenciando assim o multiletramento, produzindo conteúdos por meio de vídeos, *lives*, *podscast*, enquetes online, experimentando os hipertextos.

De certo modo, a pandemia evidenciou a urgência do uso das tecnologias no ensino e a necessidade de repensar, visitar e (re) significar os multiletramentos.

Kleiman (1995, p. 20) critica duramente a preocupação que a escola, a agência de letramento mais importante, tem com apenas um tipo de prática de letramento: a alfabetização, o processo de adquirir códigos (numéricos e alfabéticos); no ponto de vista da instituição escolar é a prática necessária para o sucesso e promoção da escola. É importante pensar no alunado enquanto um sujeito universal, globalizado, um nativo digital que ao chegar à escola pela primeira vez já teve contato com as letras, as palavras, porém em um aparelho digital. Na maioria das vezes ele já é iniciado no Multiletramento, já é inserido na escola como um sujeito letrado e multiletrado, ele já aprendeu a significar a partir dos textos multimodais, pois em outras agências, como a igreja e a família, possuem outras formas de letramento. Portanto, é importante pensar e criar estratégias para o retorno do ensino presencial e romper a barreira que a escola construiu diante dos aparelhos digitais.

Kleiman (1995, p. 15-16) afirma que:

o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o 'impacto social da escrita' dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita.

Segundo Rojo (2013, p. 17):

é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas.

A partir dessas considerações vislumbra-se poder-se promover um aprendizado mais significativo, oportunizando o interesse e protagonismo do aluno, pois assim ele estará vivendo o que aprende e aprendendo o que vive.

Muitos dos letramentos que estão inseridos na vida cotidiana dos estudantes são ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais, já que um dos objetivos da escola é possibilitar aos seus alunos a participação das muitas práticas sociais que existem e que demandam a utilização da leitura e da escrita, como nos gêneros escolares (anotações, resumos, resenhas, ensaios, dissertações, descrições, narrações, relatos, exercícios, instruções, questionários) e os gêneros advindos de outros contextos (literário, jornalístico, publicitário).

Rajo (2009, p.107) sugere que se devem levar em conta os multiletramentos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos e protagonistas, de forma a democratizar essas práticas e eventos de letramento, pois é o que o mundo contemporâneo tem exigido dos alunos; uma vez que as informações e as *fake news* estão fortemente proliferadas nas redes, é preciso que a escola promova o pensamento crítico e a pesquisa.

Existem dois importantes termos que são empregados na teoria dos Letramentos: as práticas de letramento e os eventos de letramento. A ideia desses dois termos fundamenta-se na compreensão da natureza social do letramento, que teve origem e desenvolvimento em um conjunto de pesquisas denominado Novos Estudos do Letramento (*New Literacy Studies*), que surgiu por meio de um colóquio em Nova Londes, New Hampshire.

As Práticas e Eventos de Letramento são utilizados por pesquisadores que visam compreender os usos e os significados da escrita e da leitura para diferentes grupos sociais e diferentes resultados educacionais para os indivíduos e para os grupos a que pertencem.

Rajo (2009, p. 98) declara que existem certas práticas de letramento que, independentemente dos contextos em que são realizadas, vão auxiliar o indivíduo tanto na construção do conhecimento como contribuir para a sua formação cidadã.

Segundo Baynham, (1995, p. 39) As Práticas de Letramento são produções sociais que fazemos a partir do conhecimento que possuímos e o que pensamos sobre o que fazemos, logo podemos entender o letramento como aprender a partir das vivências

adquiridas e, além disso, refletir sobre essas vivências e pensamentos, adquirindo senso e pensamento crítico. Nesse sentido, o Letramento leva em consideração a cultura, a sociedade e a realidade em que o sujeito está inserido. Nesse aspecto também é levado em conta como construímos nossos valores e a ideologia que já permeia esses acontecimentos. Ressalta-se, portanto, a necessidade de agregar, incluir e inserir nas aulas, músicas, vídeos, jogos, uma vez que esses segmentos fazem parte da vivência e do cotidiano do alunado.

Heath (1982, p.93) caracterizou como Evento de Letramento qualquer ocasião em que algo escrito promova a interação e os processos interpretativos dos participantes, ou seja, é o que podemos observar o que as pessoas estão fazendo quando estão usando a escrita e a leitura. Ao ler anúncios de venda ou de emprego no jornal, ao anotar compras em uma caderneta, ler e escrever *e-mails* ou *posts* no *Facebook* e até quando se utiliza o cartão de crédito em uma compra, estão sendo desenvolvidos pequenos Eventos de Letramento, pois todas essas atividades envolvem o uso da leitura/escrita com uma finalidade.

Daí a importância de se pensar os novos gêneros que surgem e que se transformam, se constituem por meio das TIDS, novas formas e novos recursos para comunicar-se surgiram através da globalização e com os avanços tecnológicos, e transformação deve ser de grande interesse da escola, como veremos a seguir.

A partir disso, devemos refletir acerca das aulas, antes presencial, expositiva, com conteúdos expostos na lousa, com explicações e debates orais. Agora, o conteúdo exposto na lousa ocupa as telas e torna-se multimodal, ganha cores, movimentos, sons, *chats*, *links*, etc. Logo ganha significados híbridos.

Temos portanto, o aparecimento das TIDCs – tecnologias digitais da informação e da comunicação, que despertaram grandes modificações nos gêneros que as incorporaram, criando meios que substituem antigas práticas: cartas que viram *e-mails*, conversas que são realizadas em *chats*, diários que se transformam em *blogs*.

Lemke (2010, ROJO, 2015, p. 115) pondera que:

o letramento raramente esteve atrelado de forma escrita ao texto escrito. Muitos dos gêneros do letramento, do artigo da revista popular ao relatório de pesquisa científica, combinam imagens visuais e texto impresso em formas que tornam as referências entre eles essenciais para entendê-los do modo como o fazem seus leitores e autores regulares. Nenhuma tecnologia é uma ilha. Conforme nossas tecnologias se tornam mais complexas, elas se tornam situadas em redes mais amplas e longas de outras tecnologias e de outras práticas culturais.

Essa complexibilidade das tecnologias e a variedade que ela nos oferece possibilitou que o ensino/aprendizagem não permanecesse preso na ponta do giz e na lousa. O avanço tecnológico e seu uso abrupto e emergencial na educação permitiu que a educação não parasse, além de ocasionar novas experiências, novas possibilidades para o futuro. Além disso, contribuiu e tornou possível o desenvolvimento desta pesquisa; na ocasião, a coleta de dados se deu mediada pelo uso de equipamentos, ferramentas e plataformas digitais visando demonstrar as possibilidades de construção de conhecimento mediadas pelas tecnologias no ensino e, sobretudo, em respeito às orientações de biossegurança para enfrentamento da pandemia de covid-19.

## 2 A ENTREVISTA

Ao pensar na entrevista e como ela seria realizada levantaram-se diversas hipóteses tendo como critério principal a necessidade de atender ao distanciamento social, além da importância em demonstrar as possibilidades digitais e produzir conteúdos multissemióticos que combinasse texto, imagens estáticas, imagem em movimento, uma vez que esse estudo debruça-se sobre as teorias do multiletramento. Buscou-se, portanto, produzir informação e conhecimento por meio das TIDCS e de forma multiletrada para evidenciar assim a sua importância e as possibilidades ofertadas pelas novas tecnologias.

Outra perspectiva apresentada na entrevista é a hibridização, uma vez que a conversa se deu com base em olhares e vivências diversas no âmbito escolar, que se relacionam, comunicam, contribuem e cooperam umas às outras, sendo elas: Escola e Universidade; professores dos âmbitos acadêmicos e escolares; seus respectivos alunos; gestão escolar e coordenação pedagógica; teoria e prática e comunidade geral.

A ideia inicial se deu diante da execução de uma atividade acadêmica proposta na disciplina Novas Tecnologias na Educação; na ocasião a proposta sugeria que os alunos produzissem conteúdo mediado pelas tecnologias e plataformas digitais uma vez que o curso visa preparar seus alunos para a docência. A proposta oportunizou que os acadêmicos experimentassem os desafios de ensinar e aprender por meio das plataformas digitais.

A partir dos estudos teóricos já mencionados aqui, elaborou-se de forma contextualizada a entrevista. O convite aos profissionais ocorreu no aplicativo *whatsapp*. Em seguida ocorreram testes a fim de conhecer e escolher uma plataforma que possibilitasse a interação, a transmissão ao vivo, o compartilhamento de conteúdos como: imagens, textos e vídeos. Definiu-se data e horário, e divulgou-se a entrevista em diversas redes sociais, tanto da pesquisadora, quanto da escola e da Universidade.

No dia 07 de dezembro de 2020 as 14 horas, reuniram-se virtualmente, a pesquisadora, os diretores e a coordenadora pedagógica da escola para discutir sobre os desafios do momento pandêmico.

É importante destacar aqui a proposta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Jardim, que integra o Letramento por meio de leituras e produções escritas, e letramento digital – produções digitais. Além disso, oportuniza que o

acadêmico aprenda a partir do que vive. Além de estudos debruçados nas inúmeras leituras e literaturas, o estudante experimenta a prática pedagógica e docente através do Estágio Obrigatório. Contudo, diante do novo normal (o cenário atual pandêmico), a respeito das aulas remotas, foi possível vivenciar e experimentar a realidade dos professores nesse momento.

## **2.1 Conhecendo a Instituição e os Entrevistados**

A escolha da Instituição deu-se com intuito de observar os fenômenos ocasionados pela pandemia na escola com maior clientela no município de Nioaque/MS.

A Instituição está localizada no interior do Estado de Mato Grosso do Sul, cerca de 180 km da capital, Campo Grande. A principal fonte geradora de economia do município é a pecuária, contudo, muitas famílias sobrevivem da agricultura, sendo eles pequenos produtores.

Geograficamente e socialmente estamos tratando de uma região periférica; ressalta-se, portanto, que a maioria dos alunos a que essa pesquisa contempla é de baixa renda e sofrem as consequências da exclusão social bem como da exclusão digital.

A Escola Estadual Odete Ignêz Resstel Villas Bôas, com sede no Município de Nioaque, Estado de Mato Grosso do Sul, localizada à Rua Quintino Bocaiúva nº. 259, centro, tem como mantenedora a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul.

Os níveis de ensino ofertados nessa instituição são: Fundamental I e II, Médio, Projeto AJA e EJA, nos turnos: matutino, vespertino e noturno. Atualmente a Instituição absorve um total de 972 alunos distribuídos nesses três turnos.

A escola possui sala de informática também chamada de Sala de Tecnologia, conta com funcionário responsável pelo suporte técnico executando manutenção nos equipamentos, bem como prestando suporte aos professores. A sala tem 16 computadores, projetores e caixas de som amplificadas, além de 01 lousa digital.

A secretaria escolar, coordenação pedagógica e sala de professores são equipadas com computadores, impressoras e todos esses ambientes possuem conexão com a internet.

A escolha dos entrevistados se deu com intuito de apontar diferentes perspectivas e olhares no âmbito escolar, sendo seus representantes: Professor Cloves

de Sousa (gestão escolar), formado em História, diretor eleito em sua terceira gestão; Professora Maria Solange de França Brito (gestão pedagógica), formada em Letras, diretora adjunta, em sua primeira gestão; Professora Leidinaura Henrique Weis (coordenação pedagógica), formada em Letras, atualmente coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental II. A entrevista traz ainda breves relatos de professores, relatos esses que foram resgatados e disponibilizados pela escola em suas redes sociais.

A Escola Odete Ignêz Resstel Villas Bôas desempenha sua função social de forma muito democrática. Muito antes da chegada do vírus, a Instituição divulgava seus fazeres em sua página no *Facebook*, levando informação e interagindo com a comunidade geral. Essa ação ganhou maior visibilidade e significação após a virada pandêmica. Através de suas publicações a escola fortaleceu o vínculo que na ocasião e devido ao distanciamento social estava fragilizado. Por meio da tecnologia e da internet aproximou alunos, pais, professores, gestão escolar, coordenação pedagógica, bem como a comunidade geral. Além disso, estimulou e oportunizou o protagonismo e a autoria de seus alunos, como será demonstrado nos anexos desta pesquisa.

O uso responsável, consciente e democrático das redes sociais possibilitou também que a Escola cumprisse com o calendário escolar por meio de vídeos, fotos, publicações e interações; a escola vivenciou junto ao corpo administrativo, docente, gestor e discente momentos significativos e atendeu ao que propõe a BNCC no que se refere às Competências sócio emocionais, realizando inúmeras atividades virtuais como: “Arraiá Virtuá”, Família e Escola, Setembro Amarelo, Dia do Aluno, Comemoração do Aniversário da Escola, entre outros.

### 3 RELATOS DE VIVÊNCIAS E DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Aqui se pretende apontar, descrever e analisar os relatos de vivências diante do ensino remoto emergencial dos representantes da referida escola, bem como refletir a respeito deles, ou seja, analisaremos os dados coletados.

A saber, representaremos cada um deles da seguinte forma:

Professor/Diretor Cloves de Sousa – D

Professora/Diretora Adjunta Maria Solange França Brito – DA

Professora/ Coordenadora Pedagógica Leidinaura Weis Garcia Henrique – CP

Ao iniciar a entrevista transmitida ao vivo pela rede social *Facebook* buscou-se contextualizar a conversa explanando inicialmente quanto ao cenário atual e em seguida, sobre as propostas do multiletramento, bem como as orientações da BNCC.

D: “Especificamente este ano, que foi um ano que de certa forma fomos forçados a adaptar os métodos, as estratégias do ensino e aprendizagem”.

DA: “Quando a gente pensa nessa conectividade tão momentânea, que começou dia 23 de março, nós não estávamos preparados para isso, nós não tivemos tempo para fazer nenhum experimento, não tivemos os grandes filósofos que viessem nortear o ensino no momento”.

Evidencia-se neste relato o quanto o ensino remoto era algo que fugia completamente das expectativas e possibilidades de oferta de ensino. Diante disso, é importante refletir nos impactos, principalmente emocionais que tal situação gerou nos profissionais de Educação. O Instituto Península (2020) realizou um estudo demonstrando que desde o início da pandemia de covid-19 os professores de todo o Brasil relatam ansiedade e sobrecarga com as aulas remotas.

CP: “Enquanto você contextualizava, veio a minha mente as lindas produções dos alunos, quando o professor sugeriu que trabalhassem com o que eles gostam; como por exemplo: o *Tiktok*, os professores de Projeto de vida sugeriram que eles fizessem produções em vídeo, onde eles falassem da importância da vida; eles são muito criativos, eles precisam desse impulso para usar a tecnologia pro bem”.

Pode-se notar que durante as vivências de ensino remoto emergencial, uma das inúmeras ações dos professores para instigar e estimular o interesse dos alunos foi adentrar ao seu mundo, ao seu universo. Dialogando com Rojo (2009) pode-se perceber



que a instituição e os professores empenharam-se a fim de promover o uso dos diversos aplicativos e plataformas presentes em nossa sociedade.

O *Tiktok* é um aplicativo de celular, que combina várias ferramentas para produção de vídeos, um aplicativo que agrega imagem estática, imagem em movimento, escrita, *emotions*, *GIFS*, figurinhas, bem como áudios, músicas, além de recursos de mixagem. Muito famoso e utilizado pelo público jovem, o aplicativo de fácil manuseio possibilita a criação de textos multimodais de forma simplificada e rápida.

CP – “A gente sabe que a tecnologia tem o lado bom, e se a gente descuidar também tem o lado ruim. O incentivo aconteceu e a produção foi linda. Então a partir dessas atividades a gente conhece o potencial dos alunos”.

É possível perceber a preocupação da escola em oportunizar o aprendizado mediado pelas tecnologias de forma consciente, responsável e ética, orientando os caminhos, supervisionando as ações, na tentativa e com objetivo de formar cidadãos críticos e éticos, inserindo-os na sociedade digital de forma responsável, alinhando-se e atendendo as orientações da BNCC (2018), contribuindo assim para a formação do cidadão crítico.

DA: “Nós tivemos um grupo muito aplicado, muito responsável de professores que se adequaram ao momento, e os alunos também. De acordo com toda essa vivência, com todo esse profissionalismo dos nossos professores, eles também aderiram à tecnologia com suas limitações, com seus problemas, com talvez muitas dificuldades, outros com muita acessibilidade, outros com pouca, mas eu acredito que a Educação não será mais a mesma depois de tudo que nós passamos ao longo deste ano”.

É importante pensar, portanto nas limitações tecnológicas enfrentadas pelos profissionais de educação, uma vez que tiveram que dispor de recursos oriundos de seus provimentos, equipamentos como celulares, computadores, bem como pacotes de conexão com a internet. As aulas ministradas de casa exigiram do professor, recursos que alguns deles não possuíam, bem como esgotaram a memória de seus celulares diante de inúmeras fotos, imagens, vídeos e mensagens enviadas como atividades.

Outra problemática a se pensar aqui é quanto à organização e a disponibilidade de tempo. Antes o professor ministrava suas aulas em horários específicos, contudo, a partir da virada pandêmica sua jornada de trabalho passou a ser quase que integral. Mensagens, chamadas, dúvidas se deram a qualquer hora do dia ou da noite, já que o professor precisou se adequar às diversas configurações familiares, levando em conta a

disponibilidade de tempo dos pais e responsáveis por seus alunos. Com intuito de atender a todos e levando em conta a realidade de cada caso, o professor flexibilizou possibilidades para atender seus alunos e estendeu sua carga horária trabalhando inclusive aos feriados e finais de semana.

DA: “Teremos sim, muito tempo para discutir os pontos negativos e os pontos positivos, que trouxeram uma grande aprendizagem pra nossa escola e pra toda rede de ensino eu acredito”.

A diretora adjunta demonstra que existe ainda muito trabalho pela frente, destaca ainda a importância do debate, das discussões e da gestão democrática. Aponta que é relevante revisitar e rever as metodologias e estratégias adotadas e experimentadas durante essa experiência, e que essas vivências oportunizaram aprendizado para toda a esfera de ensino.

Ao demonstrar através de imagens e relatos de estágio obrigatório quanto à estrutura tecnológica da escola, incluindo sala de tecnologia, sala de professores, coordenação pedagógica e secretaria escolar, a ministrante sugeriu que os convidados relatassem como se dava a inclusão digital antes da pandemia, diante disso coletaram-se os seguintes depoimentos:

D- “Do ponto de vista da gestão, eu percebo que a secretaria avançou muito, o órgão central, houve um investimento muito grande, em sistemas, plataforma específica, como o papel zero. Nós temos todo um sistema de gestão de dados escolares, nós temos um chefe que gerencia todo o processo, desde o cardápio até o pagamento, a prestação de contas da merenda escolar. Então do ponto de vista da gestão, melhorou muito. A gente percebe que tem chegado até o professor também essas tecnologias, o diário de classe online, o planejamento, já acontece de forma digital e online. Mas eu acho que o ponto, a questão maior aqui, é o uso das tecnologias no processo de ensino/aprendizagem dos nossos alunos. Eu percebo um desafio muito grande para as Redes, principalmente para a nossa, porque ainda se faz necessário muito investimento; políticas públicas direcionadas para realmente dar suporte para o professor e para esses alunos”.

Evidencia-se, o fato de que a escola possui investimentos tecnológicos contudo, a maior concentração desses equipamentos, plataformas, *softwares* é direcionada à administração/gestão das Instituições, ferramentas de grande importância para o desenvolvimento dos trabalhos da gestão escolar, uma vez que esses equipamentos,

ferramentas e sistemas ajudaram a otimizar e organizar procedimentos importantes. Uma ferramenta de destaque implantada nas escolas da rede estadual é o Papel Zero, que além de incentivar, estimular e oportunizar a digitalização de documentos, viabilizando assim o desenvolvimento tecnológico ao que tange a área administrativa da escola, também se preocupa com o meio ambiente ocasionado, assim, menos utilização de papel.

Outro apontamento importante é quanto aos diários de classe e planejamentos de aulas que, atualmente são elaborados de forma digital e virtual; essa possibilidade contribui para a organização do tempo do professor que antes passava horas preenchendo os diários a mão, produzindo pilhas de documentos. Com o preenchimento digital e compartilhamento interno dos dados, o acesso dos coordenadores a tais documentos se dá de forma imediata, agilizando os trabalhos tanto da coordenação pedagógica, como da secretaria escolar, uma vez que o sistema depois de alimentado reúne e gera todas as informações que devem estar contidas nos boletins.

Contudo, o que chama a atenção é que não ocorre a mesma preocupação e o mesmo investimento quando o assunto é sala de aula. Esses avanços tecnológicos estão a serviço da escola e também do professor de certa maneira, mas não a serviço dos alunos, tão pouco do processo de ensino/aprendizagem.

D- “A Professora Solange, apontou muito bem o empenho dos professores esse ano. Utilizaram as tecnologias disponíveis pessoais, como *notbook*, celular, a conectividade, a sua internet, e não foi muito diferente com os pais e com os nossos alunos. Então para desenvolver a criticidade dos nossos alunos, a construção do próprio conhecimento, eu acho que ainda tem que ter muito investimento, nos nossos professores que nesse ano de pandemia de isolamento social eles foram muito guerreiros, eles abraçaram a causa, a missão da escola que é a aprendizagem dos alunos, que é a formação, e conseguimos dessa forma”.

Através do apontamento feito pelo diretor, deve-se pensar na valorização do profissional da área de educação, oferecendo além de remuneração justa, cursos, formações e aperfeiçoamento, condições reais de trabalho. Como vimos nas orientações da BNCC, o professor tem uma função e responsabilidade muito significativa frente à inclusão digital, no que tange à formação cidadã de seus alunos e pode-se perceber diante da realidade dessa escola pública que o profissional de educação não tem condições reais e efetivas para desempenhar tal papel. Valorizar o professor é oferecer a

ele condições dignas de trabalho, é disponibilizar os equipamentos, as ferramentas que ele necessita para exercer seu trabalho.

Os desafios de inclusão digital já era uma problemática escolar anterior à pandemia. Nesse sentido ao conceber o surgimento do vírus também como algo simbólico, que nos proporciona reflexões e nos revela deficiências de nossa sociedade, pode-se perceber que esse desafio já fazia parte da rotina do professor, porém de forma quase que velada, o que o novo vírus ocasionou foi a sua evidencia, o seu destaque. Podemos, portanto, olhar para isso de forma positiva.

CP- “A força de vontade do professor, de fazer acontecer o ensino e de reaprender tudo aquilo que ele já estava habituado a fazer em sala de aula, agendando seu horário na sala de tecnologia, agendando o projetor, foi essencial”.

A coordenadora pedagógica demonstra, portanto que os profissionais já vinham inserindo as práticas tecnológicas em suas metodologias e que a escola mesmo com limitações com equipamentos, se organizava a fim de proporcionar e oferecer esses recursos a todos. A seguir ela aponta algumas das adaptações vividas:

CP- “Lá na casa dele ele buscou vários meios para reinventar esse ensino, seja usando seu próprio celular, transformando sua sala de estar, sua varanda, seu quarto em um estúdio para gravar as aulas. Dai triplicou o trabalho do professor, por que mesmo na escola o trabalho do professor vai além da sala de aula, vai além da hora atividade que o professor tem que cumprir na escola e agora triplicou. Ele tem que gravar suas aulas, atender individualmente as dúvidas. Aquela dúvida que um aluno, levantava a mão e perguntava e ele respondia para a classe inteira ouvir, não existe mais. Ele atende aluno individualmente através do *whatsapp* ou da plataforma, um a um”.

Ou seja, diante da necessidade de se adaptar e tornar o ensino/aprendizagem possível, os docentes dispuseram de recursos oriundos de seus lares, recursos oriundos de seus provimentos financeiros. Pode-se pensar a partir disso o professor como um investidor da Educação, investimento que vai além da sua profissão, da sua área de atuação e da sua carga horária. Nesse contexto, o professor investe tempo, investe ainda recursos pessoais para que a Educação não pare. Esse cenário nos revela certa irresponsabilidade administrativa dos governos. Pois tratamos aqui de uma sociedade que o professor precisa investir recursos para que seus alunos tenham seu direito garantido.

D- “Então nós vimos alguns ambientes e alguns equipamentos tecnológicos da escola, que já são uma realidade há alguns anos, mas são instrumentos que a gente percebe que não trouxe ainda o que você colocou muito bem, e que está lá no nosso documento normativo, na BNCC”.

Nesse sentido, ao pensar os documentos que norteiam a educação de forma contextualizada e crítica, ressalta-se a necessidade de produzir políticas públicas mais fortalecidas, a fim de se conquistar investimento e desenvolvimento tecnológico para nossas escolas, bem como formação e preparação para os professores, e para que essa tão sonhada tecnologia esteja presente nas casas de todos os cidadãos, para então ser possível alinhar o documento à realidade das escolas públicas do país.

D- “Estamos no final do ano letivo, não achávamos que ia durar tanto tempo. Nós achávamos que seriam só 30 dias e retornaríamos para o presencial, e esses 30 dias foram sendo prorrogados, enfim estamos ai, finalizando o ano letivo e ainda com a perspectiva de retornar em 2021 num formato híbrido, ou seja, ainda com as aulas não presenciais”.

A demonstração de preocupação com os desdobramentos seguintes é evidente na fala do diretor. Sabe-se que os profissionais desejam retornar; porém, a realidade dos professores ainda é a incerteza. Assim adaptando-se, reformulando-se, investindo tais profissionais venceram a batalha da exclusão social e digital, conscientes da possibilidade desse cenário estender-se ao próximo ano letivo.

D- “O que a pandemia trouxe na minha avaliação é que isso é possível, que é possível. A sociedade hoje é informatizada, é digitalizada, e isso não tem volta, isso só vai aumentar, e a gente percebeu essa necessidade, e que é possível. Mas é preciso investimento”.

O choque ocasionado pelo vírus que obrigou a sociedade a conceber a aprendizagem por meio das tecnologias, evidenciou a comunidade escolar a necessidade dos fazeres tecnológicos, bem como fez com que o professor vivesse isso intensamente, quebrando barreiras, medos, receios, preconceitos, demonstrando que o uso das tecnologias, além de possível, é atualmente de extrema importância e necessidade. Contudo, o que se tem nas escolas é insuficiente para a demanda, é preciso trabalhar muito para viabilizar e oportunizar o processo de ensino/aprendizagem por meio das tecnologias.

CP- “Oportunizamos aulas em tempo real, através do *Meet* com os alunos, pois nós tivemos vários casos de aulas nesse formato aqui na escola. Foi de cada professor reinventar todas essas estratégias pra que chegasse ao aluno. Além disso, adaptar a sua aula, para aquele aluno que não tem celular, que não tem internet, através de um papel. Além do planejamento online o professor tem que fazer um APC (Atividade Pedagógica Complementar), pensando no aluno que não tem esse acesso. Ele tem que pensar em varias situações”.

É evidente o esforço e as várias estratégias criadas pelos professores para atender a diversidade social da clientela da escola, de certa forma podemos perceber que o ensino híbrido, já é uma realidade e uma vivência do professor uma vez que, para oferecer condições igualitárias para seus alunos, o professor, de forma múltipla, adaptou seu conteúdo e suas abordagens para ampliar seu alcance e adequar-se as possibilidades sociais de seus alunos. Contudo, ao pensarmos a “sociedade em rede” de Castells (2005), e numa vivência agora informacional, tecnológica, global, deve-se destacar que mesmo diante das adaptações de conteúdo e de veículo e suporte de aplicação, as condições de aprendizagens não são igualitárias. Todo esforço e adaptação dos profissionais de educação formam sim válidos e valiosos; porém, é preciso reforçar que essa é uma prática para uma situação emergencial, que não se deve conceber a adaptação de conteúdo, de plataforma, de veículo de circulação como algo naturalizado.

DA- “O que nós podemos e devemos descaracterizar é a ideia de que as tecnologias surgiram em tempos de pandemia. Na verdade nós temos o velho com uma nova roupagem, por que quando você analisa todas as ferramentas e as questões que discutimos nesse momento, elas já existiam. Então eu creio que tenha esse ponto positivo, no final nós vamos descobrir que aqueles professores que ainda estavam totalmente presos ao quadro, ao giz, ele teve que se reinventar, ele teve que aprender a utilizar as novas tecnologias, ele teve que aprender, não lhe deram a opção de dizer não eu não vou fazer dessa forma. E esses, hoje quando você conversa com eles veem isso de uma forma positiva”.

Percebe-se, portanto, que ainda se utiliza das velhas práticas pedagógicas, ela está agora medida por equipamentos tecnológicos. Muitos professores ainda não estão adaptados e tão pouco conhecem as inúmeras possibilidades, mesmo aqueles que resistiam, tiveram que experimentar e adentrar as ferramentas digitais. Revestir o velho com o novo não é a prática recomendada, mas ainda é comum nas aulas atuais, e muitas

vezes a única alternativa, para profissionais com pouco conhecimento e vivências tecnológicas. Muitos dos conteúdos aplicados apenas foram transformados em foto postada na plataforma, muitas aulas ainda estão centradas nas páginas do livro pedagógico.

DA- “Então como vai ser o depois? Ano que vem nós iniciamos com o ensino híbrido, eles vão precisar muito das tecnologias, e eles vão ter que saber que não foi algo novo que surgiu, elas já existiam, porém, foram extremamente necessárias que se usasse nesse momento”.

Ao pensar a clientela da escola, principalmente quanto a fatores sociais, levando em conta os alunos de bairros afastados e de difícil acesso, bem como os que residem em fazendas, e ainda na Extensão Palmeira situada na Colônia Palmeira, explanou-se sobre os desafios e as estratégias para atingir os alunos de forma igualitária como podemos ver nos fragmentos a seguir:

CP- “Quando nós nos deparamos com essa situação, a partir da semana seguinte, seriam aulas remotas vinculantes, toda a escola teve aquela preocupação, teve reunião, trocamos ideias, professores, coordenadores, gestão para procurar um meio de comunicação, para não perder a comunicação com esses alunos. Sabíamos já, pensávamos nesses obstáculos, alguns alunos tem, outros não tem. Inicialmente optamos por seguir os horários de aula, cada professor a cada 50 minutos entraria no grupo de *whatsapp*, colocaria sua atividade lá, incentivando os alunos a fazer, estipulando data de entrega, isso no primeiro bimestre.

Inicialmente a escola precisou adaptar de forma emergencial meios de comunicação e interação com seus alunos, pensando na facilidade e na comodidade que o aplicativo de conversa *whatsapp* oferecia, deram continuidade as aulas dentro desse aplicativo, através de grupos das turmas, nesse cenário os professores permaneciam online nesses grupos, explicavam o conteúdo com os recursos disponíveis, como áudio, fotos, textos, vídeos. Os alunos deveriam estar online também nos horários de aulas, devolvendo as atividades ao final dos 50 minutos de cada aula. Tentativa essa que apresentou diversos problemas tanto para os professores, quanto aos alunos e familiares. Se pensarmos que a mesma família é composta por 3 alunos matriculados no mesmo horário de aulas e que existe apenas 1 celular; outro fator que inviabilizava essa iniciativa é o acúmulo de arquivos nos celulares dos professores, bem como a impossibilidade de devolutivas imediatas, como ocorria em sala de aula de forma

presencial, em que o professor corrigia a atividade ao final da aula. Em outras situações percebeu-se também que muitos alunos precisavam do auxílio dos pais quanto a realização de suas atividades, ao cumprir o horário estabelecido de aula muitos deles estavam trabalhando, dentre outros problemas identificados pela instituição.

CP- “Ai vieram as férias em maio, então a SED criou a plataforma, o google sala de aula. Daí surgiu um novo desafio, incentivar os professores a utilizar, instigar os alunos a também utilizar. Houve uma barreira muito grande, eles achavam que era muito difícil. É claro, pra quem tem internet, pra quem tem um celular é a melhor coisa que tem essa plataforma. Mas para aquele aluno que só tem um celular e tem que usar junto fica mais difícil”.

A disponibilização da plataforma *Google* sala de aula sofreu certa resistência, uma vez que era um ambiente virtual desconhecido para a maioria dos professores, alunos, pais e responsáveis. Percebemos aqui mais uma grande adaptação, aprender a usar e adaptar suas aulas para um ambiente virtual desconhecido requer tempo, dedicação e conhecimento, contudo, após esforços e dedicação, todos foram migrados para esse espaço digital. A plataforma, de certo modo, centralizou e normatizou as práticas pedagógicas digitais, porém não deu conta de suprir a desigualdade social e digital.

DA- “Eu lembro que nós começamos com aulas utilizando os grupos de *whatsapp*, tivemos a melhor das intensões. Aí fomos fazendo os ajustes necessários. Descobrimos que estava extremamente cansativo, que tinha aluno que não tinha uma boa conectividade, famílias que tinham um celular para cinco estudantes, tínhamos alunos que não queriam acordar para participar da aula, tínhamos vários exemplos. Então começou a haver um ajuste, as ideias que foram dando certo foram compartilhadas e as que não deram foram descartadas”.

CP- “Então houve todas essas situações e nós fomos nos adequando. Hoje em dia nós temos alunos que usam 100% a plataforma, alunos que usam somente o *whatsapp*, uns que dizem: ‘hoje deu pra postar na plataforma porque eu tenho internet’, então ele coloca lá, outro dia o aluno não tem, manda para o professor no *whatsapp*, aquele que realmente não tem celular, vem buscar na escola a APC, leva os papeis para casa, passa um mês fazendo atividade, traz o caderno e a APC para cada coordenador da sua etapa. Esse coordenador tira foto manda para o professor. Então a gente tenta de todas as maneiras atingir a todos os alunos, desde aquele aluno carente, até aquele aluno



com boas condições sociais, de maneira que todos se sintam atendidos de maneira igualitária, independente de qual é o recurso que ele está utilizando.”

As condições sociais das famílias e a exclusão digital, ainda é o maior desafio enfrentado pelos profissionais da educação, é esse fator que mais afeta as novas práticas pedagógicas digitais. Pensando nesse desafio e nessa perspectiva é que professores, coordenação pedagógica, gestão escolar e família têm intensificado seus esforços, criando possibilidades de ofertar a aprendizagem a todos. Podemos pensar que a tentativa, bem como o empenho da Instituição, é muito válida e acaba por atender a todos; porém, ao pensarmos que o ensino deve ser ofertado de forma igualitária, identifica-se um grande entrave. Já que as condições e possibilidades de produção de conhecimento bem como as vivências experimentadas pelos alunos não são as mesmas. De fato, a escola tem se esforçado nesse sentido, ao adaptar material impresso, ao adaptar ferramentas além da proposta pela SED. Contudo, aqui temos um problema que foge ao controle da escola, mas que requer certa atenção, preocupação e reflexão: a inclusão digital ainda é uma proposta longínqua, e depende de outras esferas governamentais e institucionais para avançar.

A inclusão digital não deve ser unicamente responsabilidade do professor, ou da escola, como tem ocorrido nesse período pandêmico. Para que a inclusão aconteça é necessário o envolvimento e interesse de esferas governamentais.

CP- “Depois vieram às buscas ativas, que nós sempre fizemos, mas de um tempo pra cá, a SED usou o termo busca ativa, que é entrar em contato com a família, entrar em contato com aluno para que ele realize essas atividades. As vezes ele tinha dificuldade mas não sei se é a palavra correta, se acomodou, os alunos se acomodaram e ficaram sem fazer algumas atividades e nós sempre buscando esses alunos para que eles fizessem, para que ele não perder o ano. E aí nós fomos vendo ainda mais a dificuldade de cada um e tentando que adequar. Então nós temos inúmeras situações dentro da escola. A gente está tentando buscar o máximo, gostaríamos que fosse 100% de aprovação, ainda temos uma semana, então é uma semana de esperança que nós temos de resgatar esses alunos, pouquíssimos que nós não tivemos contato.”

D- “Para nós foi um susto, quando a SED regulamentou o ensino não presencial, tudo acontece por uma regulamentação, o ensino oferecido pela rede precisa ser regulamentado, precisa ser normatizado. E a APC que ficou tão conhecida para nós, que

era um item da resolução que norteia o nosso calendário, passou a ser a forma que o ensino foi oferecido, que está sendo oferecido. Então a SED trabalhou muito nesse sentido, a equipe toda, os setores específicos, para trazer essas orientações, esse norte para as escolas. Pra nós foi um susto muito grande, porque ninguém acreditava que isso fosse dar certo. Eu lembro das reuniões que nós fizemos, apresentando a regulamentação, dizendo: ‘o ensino vai acontecer dessa forma, nós temos que manter um canal de comunicação com nossos alunos, e tem que chegar até ele a informação, as orientações, enfim as atividades. Nós estamos aqui no centro urbano, a escola está numa cidade pequena, mas eu acho que não é diferente de nenhuma escola pública, a diversidade é marcante. A diversidade em vários sentidos, então temos famílias que não tem um pacote de dados, que não tem conectividade, que não tem equipamentos, que não tem o celular disponível para o filho, para essa atividade exclusiva. O que eu quero dizer é que as tecnologias disponíveis foram socializadas na família, imagine a dificuldade de muitos pais. Nós tivemos que ouvir e buscar uma alternativa para todas as situações que chegaram até a escola, porque o nosso público, a diversidade é marcante. Nós temos extensões, temos alunos de fazenda, da zona rural, temos alunos com várias situações e condições, então eu percebo que esse foi o maior desafio, porque você não teve um formato único, não tivemos a tecnologia exclusivamente, a gente usou a conectividade, a internet, usamos o material impresso, enfim o telefone, todos os meios disponíveis, para poder atender a essa diversidade”.

Diante desses fragmentos, podemos evidenciar que o maior desafio enfrentado pelos professores, e pela a escola de modo geral tem sido a exclusão social e digital. O que ocasionou grande desafio para a Instituição como um todo, a fim de alcançar e levar o ensino a todos os seus alunos, a escola precisou intensificar suas buscas ativas, analisar cada caso isoladamente, levando em consideração diversos fatores e as diversas realidades de seus alunos. A instituição, portanto, precisou de muito dinamismo, adaptabilidade e aproximação com as famílias para, assim, criar as estratégias necessárias.

Ao pensar que a escola tendo a Secretaria Estadual de Educação como mantenedora, é relevante apontar que tipo de suporte foi ofertado aos professores e a escola em geral.

D- “Nós tivemos a regulamentação, mas nós não tínhamos nenhuma política, ou até tínhamos algumas políticas de inclusão digital, mas não era nenhuma novidade, não

era para atender o aluno a distância, pelo menos não tínhamos nenhuma ferramenta para isso. O que a Secretaria fez no primeiro momento foi disponibilizar uma lista, uma relação enorme de aplicativos que poderiam ser utilizados naquele momento.”

Ao pensar nessa dinâmica e nessa realidade, percebe-se que nenhuma instituição e nenhuma esfera governamental haviam cogitado a hipótese e a possibilidade da Educação Básica enfrentar esses desafios, daí a importância em se pensar nesse modelo de ensino como emergencial, as ações iniciais foram emergentes, mas acima de tudo insuficientes.

D- “Para alguns professores, não tinha nenhuma novidade, tanto que logo de início alguns professores que já conhecem a tecnologia, que já utilizam rapidamente criaram contas para os alunos e criaram suas salas virtuais, mas isso alguns professores, e eu acredito que não passaram de cinco, de um universo de 62 professores. Eu lembro que nós fizemos uma reunião com os a equipe pedagógica junto com a direção para apresentar essas possibilidades, essas ferramentas para os professores, nós estávamos falando grego, porque os professores na maioria deles não conheciam e utilizavam essas ferramentas, ou se conheciam nunca testaram”.

Pensar o uso das tecnologias na educação ultrapassa as questões de conectividades, oferta de equipamentos. Para alcançar a inclusão digital na escola, é fundamental pensar em formação e capacitação do professor, adequando-o a cultura da informação que estamos inseridos, investir em educação é investir em máquinas, porém, é preciso investir na carreira e nos profissionais que mediam o ensino/aprendizado.

D- “Diante disso, os próprios professores foram montando suas salas, experimentando e um auxiliando ao outro. A secretaria deve ter percebido isso, ou o próprio *Google*, que é uma empresa visionária, rapidamente fizeram uma parceria, surgindo a plataforma, foram criadas contas para todos os alunos e professores, Então foram criados esses ambientes virtuais, que alguns professores já tinham inclusive. Esse foi o suporte da Secretaria, mas eu acho que isso foi possível por conta dos professores, eles abraçaram a causa. Eles usaram sua conectividade, seus equipamentos”.

É possível perceber que mesmo diante de uma desvalorização da carreira e da profissão, diante de omissões governamentais, o professor exerce sua função não como carreira apenas. Mesmo diante dessas defasagens tecnológicas, o professor mostrou-se solidário e resiliente criando estratégias e adaptando-se ao novo normal, mesmo com pouca estrutura e com pouco suporte.

DA- “A gente sabe que ninguém planejou que aconteceria isso durante esse ano, nós iniciamos o ano letivo em fevereiro com a expectativa que teríamos um ano letivo presencial. Aí de repente o mundo fez bum, tudo aconteceu. A própria Secretaria de Educação eu acredito foi experimentando, e aí os professores também fizeram seus próprios experimentos. Pudemos perceber também que a SED investiu muito nessas parcerias, eu vejo uma parceria que foi muito positiva, que foi com o Instituto Airton Senna, tivemos palestras, sugestões, orientações de profissionais altamente qualificados”.

De certo modo, essas ofertas foram muito significativas para a reorganização da escola; contudo, é preciso ressaltar que o professor também precisa desse incentivo.

DA- “Acredito que no final do ano letivo, devemos sentar e apontar os pontos negativos e positivos para então pensarmos no ensino híbrido, ou a continuidade das aulas remotas. Ainda não sabemos o que vai acontecer. Mas houve muita dinâmica, retirou-se o que não deu certo, aprimorou-se o que deu, e no final nós conseguimos obter resultados positivos. Eu avalio que não houve uma aprendizagem 100% como seria nas aulas presenciais, mas que o pouco que se ensinou, o aluno aprendeu, trabalhou-se a questão do sócio emocional que está bem alinhado com as dez competências da BNCC”.

Verifica-se que aprendizagem não foi como se esperava nas aulas presenciais, estima-se que um dos fatores para tal concepção é a adaptação do conteúdo, que de certa forma teve que ser reduzido, uma vez que ao estabelecer as aulas em tempo real, com 50 min. de duração, a maioria dos alunos apresentou dificuldade para acompanhar o conteúdo. De fato, houve certa defasagem em alguns conteúdos como nos aponta a Diretora adjunta, sabe-se também que houve grandes avanços em outros, como: o desenvolvimento das competências sócio emocionais também orientadas pela BNCC (2020). A Diretora adjunta relata que se ganhou em humanização.

DA- “Vê-se um professor mais humano, mais sentimental, mais emotivo, que hoje olha de forma diferente para o seu aluno. Vemos alunos que estão com saudades, que querem voltar para a escola, que sente falta dos colegas, dos professores. Temos sim defasagem do conteúdo da parte científica, mas temos ganhos na parte sócio emocional, que transformou todo mundo. Acredito que todos nós passamos por uma grande transformação de olhar para a Educação com outros olhos, de uma forma bastante diferente”.

Há tempos já se fala na educação para além do conteúdo, trabalhar questões sócio emocionais e perceber maior humanização nos alunos e profissionais da educação é sem dúvida uma grande conquista para além do conhecimento da letra, isso nos revela a significativa contribuição desse momento de dificuldade.

Ao falarmos sobre a importância do contato e da relação aluno/professor, discutiu-se sobre os sentimentos dos professores diante do distanciamento social.

CP- “Nós temos relatos de alguns professores, demonstrando essa ansiedade, essa angústia de não poder ter o contato com os alunos. Surge a preocupação com as turmas que ele tem maiores e menores devolutivas. O professor tenta dar esse jeitinho, de se aproximar do seu aluno. Quando percebe que está atrasando muito as atividades, manda mensagem, pergunta o que está acontecendo, se existe alguma dúvida, para tentar resgatar essa proximidade com os alunos. A escola oportunizou alguns momentos virtuais de interação com a família, tivemos Festa Junina, que foi muito legal a participação dos alunos e dos pais. Na ocasião jogamos pra eles, propondo, vamos fazer uma festa junina virtual, gravem um vídeo. A atividade de português e artes foi produzir uma máscara com características juninas, saíram resultados surpreendentes, trabalhamos com músicas no show de talentos que teve uma participação muito grande. Foram estratégias que a escola tentou para aproximar a família, o aluno da escola”.

DA “Tivemos também o Projeto Família e escola que é da SED, mas que sempre procuramos nos empenhar para alcançar o objetivo do projeto, que propõe a interação entre a família e a escola, foi um sucesso também.”

As interações e o fortalecimento do vínculo escola/comunidade foi um dos importantes papéis sociais que a escola desempenhou nesse período de distanciamento social. As estratégias e ações criadas pela escola com intuito de aproximar aluno e professor, bem como a família, foram integralmente mediadas pelas tecnologias. Para tal a emissora de rádio e as redes social contribuíram imensamente para a comunicação e a divulgação dos trabalhos do Projeto Família e Escola, gerou grande participação, comoção e sentimento de empatia. Todo o conteúdo e as produções permanecem acessíveis na página do *Facebook* da escola. Lá podemos assistir vídeos, ouvir declamações de poesias, depoimento de familiares e de professores. Diante disso, mais uma vez a escola cumpriu com seu papel social.

CP- “Como em todo projeto, depois a gente se reúne e verifica quais são os pontos positivos e negativos, para aprimorar os próximos. E foram projetos proveitosos que fizeram com que os alunos se aproximassem. Quando a SED regulamentou que deveria haver alguns atendimentos presenciais, a escola pode chamar alguns alunos aqui para desenvolver as atividades que estavam em atraso, para a recuperação da aprendizagem. Percebemos que esses alunos e professores estavam sentindo falta do contato, mas sempre mantendo o distanciamento, ficando o aluno numa ponta e o professor na outra, sem ter aquele abraço, sem ter aquele toque de carinho. Então existe essa ansiedade pelo distanciamento, para olhar nos olhos do aluno e perceber o que ele está passando. A SED se preocupou e nós nos preocupamos em orientar aos professores para que observassem o comportamento de seus alunos, quanto a angústia, caso eles estivessem passando por alguma situação de abuso e de violência, orientando que o professor continuasse com o papel social da escola em comunicar e acionar os órgãos competentes, para se verificar possíveis situações tanto de abuso quando de violência. A SED colocou que as denúncias diminuíssem, porém os casos continuam, por isso a importância do professor ficar atento. Tivemos casos de encaminhamento para psicólogos, então essa preocupação com aluno, mesmo que não olhando nos olhos, face a face aconteceu. Então dentro do que pudemos ajudar, tanto para sanar dificuldades de aprendizagem quanto nessas situações de violência nós procuramos realizar”.

DA- “Nós procuramos manter o calendário escolar, manter os compromissos e as coisas que estavam programadas. Nós tivemos a festa Junina, nós tivemos o Família e Escola que foi maravilhoso, tivemos o setembro amarelo, atividades que já estavam programadas em nosso calendário, só que elas vieram com uma nova roupagem. Houve mais resiliência, mais solidariedade, houve mais sentimentos, que mesmo distantes aproximaram professores e alunos, a equipe. Houve a preocupação também de nós enquanto diretores com os nossos professores, no dia dos professores, mandando uma mensagem positiva, um presente singelo, preocupação com nossos coordenadores que estavam completamente acelerados, preocupados naquela correria. Sempre cuidando do emocional, ‘vamos parar, vamos respirar’, propondo dinâmicas antes das reuniões, ou um lanchinho, as vezes a gente não dá importância mas são gestos pequenos que demonstrava que nós estávamos preocupados com nossos alunos, com nossos professores e coordenadores. Houve toda essa questão de empatia, de olhar com um novo olhar. Talvez não olhar nos olhos, mas olhar para educação com um novo olhar.

As pessoas de modo geral sentiram mais fé, mais medo, mais vontade de estar perto, aflorou-se uma série de sentimentos. E a gente procurou lidar com eles da melhor maneira possível”.

D- “Eu percebi várias coisas, a insegurança do professor em relação ao próprio conhecimento, ouvi muito de colegas: ‘ah mas eu não sei se ele realmente está aprendendo, se é o pai que está ensinando, se é o irmão mais velho’. Eu vi uma insegurança muito grande no professor que estava acostumado ali perto a acompanhar, principalmente nos anos iniciais. Percebi certa incerteza, insegurança. Já quanto a família eu ouvi vários desabafos, pais falavam ‘diretor isso não vai dar certo, em casa ele não fica ali, ele não estuda, ele tem o computador, ele tem o celular, ele conhece, mas é pra brincar, para se distrair, é para lazer’. Ou seja, não tinha uma rotina e não utilizava aquelas ferramentas e equipamentos no processo de ensino/aprendizagem. Tudo isso foi mudado, tudo isso foi passando por mudanças, foi sendo adaptado, e assim foram passando os meses. E uma coisa que ficou, que me marcou muito foi a questão da valorização do professor, da importância desse profissional. A gente ouviu muito dos pais ‘olha não é a mesma coisa’, e não é a mesma coisa, pode ser que vamos chegar nesse momento com muita tecnologia, essa barreiras que estamos falando aqui elas sejam ultrapassadas, mas eu acho que uma certeza que nós temos agora e vamos sair desse momento com ela, é que o professor, o ser humano, a pessoa não vai ser substituída por máquinas, por tecnologias”.

Diante disso, podemos pensar a significativa transformação que o momento oportuniza já se consegue visualizar um professor que deixa de ser detentor do conhecimento e do saber, tornando-se orientador dos caminhos.

Diante desses desafios e barreiras, bem como da necessidade de mergulhar nas TIDCS qual a pandemia nos jogou abruptamente, pensando nos fatores positivos que é romper as barreiras tecnológicas que ainda existem nas comunidades escolares em geral e pensando na herança que a pandemia nos deixa, os professores falam sobre as perspectivas futuras quanto ao uso das tecnologias na educação.

D- “Eu li uma matéria, de uma revista, o presidente da SISCO, que é uma empresa muito grande que trabalha com desenvolvimento de tecnologias, não só para Educação, mas para a Saúde enfim todos os serviços. Ele que está dentro dessa área e vendo as coisas acontecendo em nível mundial, global, relata que a expectativa para os próximos anos é de muito envolvimento e inclusão digital para a sociedade como um

todo. O que ele coloca e eu achei muito interessante foi que as organizações tanto públicas como privadas já vem colocando e introduzindo a tecnologia, mas agora ela vai chegar para as pessoas e de uma forma muito radical, em todas as dimensões e aspectos da sociedade. Eu acredito que na Educação não vai ser diferente. Com certeza os nossos governantes e os próximos governos vão pensar nisso e dando continuidade, uma atenção muito maior. A escola tem uma autonomia, porém é uma autonomia limitada, tem uma mantenedora, ela faz parte de uma organização maior, de um sistema maior. Então não pode acontecer da forma que aconteceu esse ano, de forma improvisada, temos que ter políticas públicas mais consistentes, mais firmes para que realmente possa acontecer”.

DA- “Não apenas políticas públicas, precisamos de muitos investimentos para que todos tenham acesso a essa conectividade. Olhando para uma escola como a nossa, tendo 1000 alunos, tendo laboratório de informática, porém nós temos problemas aqui na nossa escola com a internet ainda, talvez pela cidade ser pequena, tem dias que o sistema não funciona e que não está legal. Porém não é só o problema da nossa escola, esse é um problema de muitos lugares no Brasil. Acho que tinha que se fazer um estudo, para que se proponha essas políticas públicas e para que se haja um investimento muito grande, desde a questão da conectividade, para depois a gente pensar nas plataformas, nos recursos, no *Google* e suas ferramentas. Assim como se criou um canal de TV com aulas formidáveis mas que não chegou até o aluno. Não chegou para aquele aluno que mora na fazenda, sabemos que eles tiveram a melhor das intenções mas não chegou. De certa forma atendeu alguns alunos, porém o fato de terem equipamentos e estarem no meio urbano faz deles privilegiados. Precisamos de especialistas, deveria haver um debate entre professores, diretores, coordenadores, alunos, pais, para que se veja quais seriam as melhores formas, transformando tudo isso em políticas públicas para que haja maior investimento. Resolveu-se pelo menos parcialmente ou 70% do problema da internet, aí sim a gente vai pensar em como serão as aulas, o uso de ferramentas, de tecnologia e uma série de outras coisas que virão certamente no ano de 2021”.

O momento e as projeções futuras ainda são de insegurança e incertezas no âmbito escolar. Os profissionais aqui entrevistados demonstram a necessidade de avaliar, levantar e analisar o percurso vivenciado para assim construir suas possibilidades futuras. Relatam a importância de projetar isso em equipe e de forma



democrática. Apontam ainda a necessidade de conhecimento específico frente às tecnologias, bem como políticas fortalecidas.

Ao finalizar a conversa virtual a Diretora adjunta lê um trecho de um artigo científico que está produzindo junto com o Diretor, escolhido cuidadosamente para despedir-se, deixa-nos uma interessante reflexão quanto à importância do professor frente a inclusão da TIDCS na escola:

DA- “Assim surgiu, o novo aluno, o novo professor, a nova equipe diretiva, a nova SED, o novo pai, e também a certeza de que embora a tecnologia seja fundamental para esse processo, sozinha ela não é suficiente e nem eficiente. Sempre será necessário alguém para acionar o Play”.

Ao relatar o importante trabalho que desenvolveu junto ao Diretor nesse período de grandes transformações na escola, a Diretora adjunta ressalta a responsabilidade e a importância da Ciência e da pesquisa no âmbito escolar. Ao finalizar a sua fala apresentava essa pesquisa com um trecho da produção que desenvolveram durante essas vivências demonstrando que as transformações estão acontecendo, são necessárias e que o professor tem papel fundamental nessa transição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o projeto de pesquisa constatou-se que o surgimento do vírus, propunha significativas reflexões no âmbito social e educacional, uma vez que as medidas de segurança e controle da pandemia ocasionaram à comunidade escolar aulas remotas emergenciais, ou seja, o processo de ensino/aprendizagem passou a acontecer mediado exclusivamente pelas tecnologias sem aviso prévio. Diante disso, notou-se a necessidade de investigar as condições físicas e tecnológicas da Escola Estadual Odete Ignêz Resstel Villas Boas, uma vez que a referida escola apresenta significativa diversidade social. Por isso era relevante investigar as dificuldades, as adaptações, as mudanças metodológicas, bem como os pontos positivos e negativos que essa vivência ocasionou na rotina escolar, bem como refletir sobre as possibilidades e necessidades futuras que o cenário nos revela.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, analisar relatos de profissionais docentes inseridos na escola para então verificar as possibilidades experimentadas, identificar as adaptações ocorridas no formato das aulas, na elaboração e abordagem dos conteúdos, bem como demonstrar a carência de recursos tecnológicos enfrentados não só pela Instituição, como pela comunidade geral, além de apontar as consequências dessa falta de recursos. Constata-se, portanto, que o objetivo geral desse trabalho foi atendido; pois, efetivamente conseguiu verificar que a escola possui laboratório de tecnologia; mas diante do número expressivo de sua clientela, a quantidade de equipamentos é insuficiente para o desenvolvimento de aulas mediadas pelas tecnologias; descobriu-se que a maioria dos professores ainda eram resistentes ao uso das tecnologias em suas aulas e a adaptação para aula remota gerou grande espanto, insegurança a esses profissionais. Contudo, descobriu-se que eles apresentaram esforço, empenho, dedicação e união, uma vez que puderam fazer descobertas e criações midiáticas juntos, isso evidenciou a importância da cooperação. Identificou-se que uma expressiva parcela dos alunados da referida escola não possui equipamentos, recursos e pacotes de internet exigindo e ocasionando adaptações, revelando a necessidade da inclusão social.

Já os objetivos específicos foram atingidos através do levantamento bibliográfico, possibilitando contextualizar as necessidades anteriores ao surgimento da pandemia, bem como refletir sobre a urgência de se ensinar/aprender a partir dos

multiletramentos, e da inclusão das TDICS no ensino. Foi atendido também, pois foi possível descrever brevemente a escola, apresentar as modalidades de ensino ofertadas; bem como apresentar os profissionais entrevistados; relatar as interações realizadas pela instituição através de redes sociais, refletir sobre os pontos negativos que o distanciamento ocasionou, bem como a importância das buscas ativas; destacar os avanços desenvolvidos nesse período quanto às barreiras tecnológicas.

A pesquisa partiu da hipótese que o momento pandêmico sugeria grande desafio aos professores e para as instituições no que diz respeito à oferta do ensino mediado exclusivamente pela tecnologia e sua adaptabilidade.

Durante a investigação e levando em conta que a mudança na oferta de ensino ocorreu de maneira abrupta e emergencial, fator esse que não possibilitou experimentar as possibilidades e tampouco o planejamento prévio, o empenho dos professores foi o grande diferencial para que ocorresse o ensino/aprendizagem, uma vez que eles fizeram grandes investimentos para a educação, disponibilizando seus equipamentos, seus pacotes de internet, bem como a extensão da sua jornada de trabalho; verificou-se ainda a necessidade do fortalecimento de políticas públicas que viabilizem recursos tecnológicos a fim de promover a inclusão social, já que o maior desafio apontado pelos profissionais é oferecer condições igualitárias a todos os alunos. Diante disso confirmase a hipótese desse trabalho.

O grande problema descoberto, portanto, neste estudo, é a dificuldade enfrentada pelas instituições públicas em ofertar o ensino por meio das tecnologias, considerando que a exclusão social/digital é o maior empecilho, fator esse que ocasionou as adaptações das metodologias, das ferramentas e da própria oferta que se deu também de forma impressa, uma vez que parte dos alunos não desfrutam e não estão inseridos na sociedade em rede e globalizada.

A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico e de dados que se deu de forma qualitativa. A entrevista ocorreu em ambiente virtual, mediado pela tecnologia exclusivamente. A escolha da plataforma ocasionou a busca e o experimento gerando, assim, grande aprendizado frente às novas tecnologias. O momento ocorreu na rede social *Facebook*, em uma rica conversa com o Diretor, a Diretora Adjunta e a Coordenadora Pedagógica da referida escola, o conteúdo foi transmitido ao vivo, permanecendo disponível para a comunidade geral.

Diante da metodologia percebe-se algumas possibilidades que não foram desenvolvidas como, por exemplo, a quantidade de profissionais entrevistados, a disponibilidade de tempo dos mesmos diante do encerramento do ano letivo impossibilitou ampliar a coleta de dados quanto ao número de entrevistados, portanto, foram analisadas as dificuldades enfrentadas pelos professores a partir dos relatos dos profissional descritos acima e através de vídeos postados pela Instituição em suas redes sociais.

Sugere-se ainda que outras pessoas pesquisem o fenômeno, uma vez que esse tema sugere outras perspectivas e outras problemáticas a serem aprofundadas como: os desafios enfrentados pelas famílias, os desafios enfrentados pelos alunos, as condições das famílias dos alunos em situação de vulnerabilidade ou em condições de violência, as novas possibilidades de produções a partir dos novos gêneros discursivos, etc.

## REFERÊNCIAS

- BAYNHAM, M. **Literacy practices: investigating literacy in social contexts**. London: Longman, 1995.
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Plano diretor. Brasília, 2001.
- BRITO, S.F. (Aniely Lara). **Ensino Remoto Emergencial**. Nioaque, 07 de dez. de 2020. Facebook: anielylara. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aniely.lara/videos/10215222507634607>> Acesso em: 09 de dez. de 2020.
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. Volume 1. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- ESCOLA ESTADUAL ODETE IGNÊZ RESSTEL VILLAS BÔAS, (**Odete Ignêz Resstel Villas Bôas**). Nioaque, 2020. Facebook: odeteignêz. Disponível em: <<https://www.facebook.com/odeteignez.resstelvillasboas>> Acesso em: 30 de Nov. de 2020.
- GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, **Legislação COVID – 19 – MS**. Campo Grande, 2020. Disponível em <[https://www.coronavirus.ms.gov.br/?page\\_id=281](https://www.coronavirus.ms.gov.br/?page_id=281)> Acesso em 08 de Ago. de 2020.
- HEATH, S. B. 1986. **The functions and uses of literacy**. In: CASTEL, S. de; LUKE, A.; EGAN, K. (Ed.). *Literacy, Society, and Schooling: A reader*. USA: Cambridge University Press, p. 15-26.
- HENRIQUE, L.W.G, (Aniely Lara). **Ensino Remoto Emergencial**. Nioaque, 07 de dez. de 2020. Facebook: anielylara. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aniely.lara/videos/10215222507634607>> Acesso em: 09 de dez. de 2020.
- IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/nioaque.html>> Acesso em: 20 de mai. de 2020.
- INSTITUTO PENÍNSULA, **Pesquisa de sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Corona vírus no Brasil**, São Paulo, 2020. Disponível em: <[https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Pulso-Covid-19\\_-Instituto-Peni%CC%81nsula.pdf](https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Pulso-Covid-19_-Instituto-Peni%CC%81nsula.pdf)> Acesso em: 05 de Mar. de 2020.
- LARA, Aniely (Aniely Lara). **Ensino Remoto Emergencial**. Nioaque, 07 de dez. de 2020. Facebook: anielylara. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aniely.lara/videos/10215222507634607>> Acesso em: 09 de dez. de 2020.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e organização de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 1996.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Brasil confirma primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus**. Brasília (DF); 2003. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6113:brasil-confirma-primeiro-caso-de-infeccao-pelo-novo-coronavirus&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6113:brasil-confirma-primeiro-caso-de-infeccao-pelo-novo-coronavirus&Itemid=812)> Acesso em: 30 de jun. 2020.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128 p.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo(orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, dez. 2002

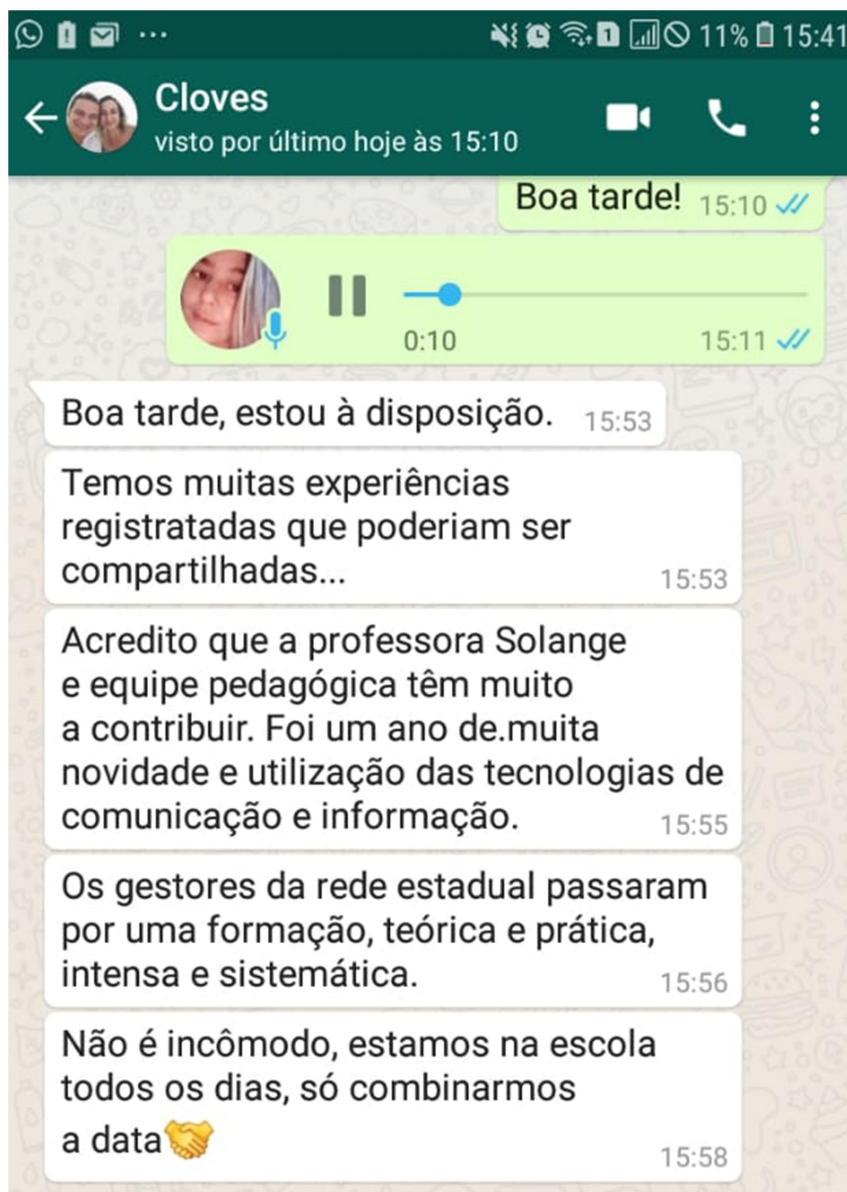
SOUSA, Cloves. (Aniely Lara). **Ensino Remoto Emergencial**. Nioaque, 07 de dez. de 2020. Facebook: anielylara. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aniely.lara/videos/10215222507634607>> Acesso em: 09 de dez. de 2020.

APÊNDICE

E

ANEXO

## APÊNDICE A - Aceite de convite de entrevista



Fonte: Autoria própria.



APÊNDICE B – Autorização de divulgação de identidade dos entrevistados  
(Coordenadora Pedagógica)



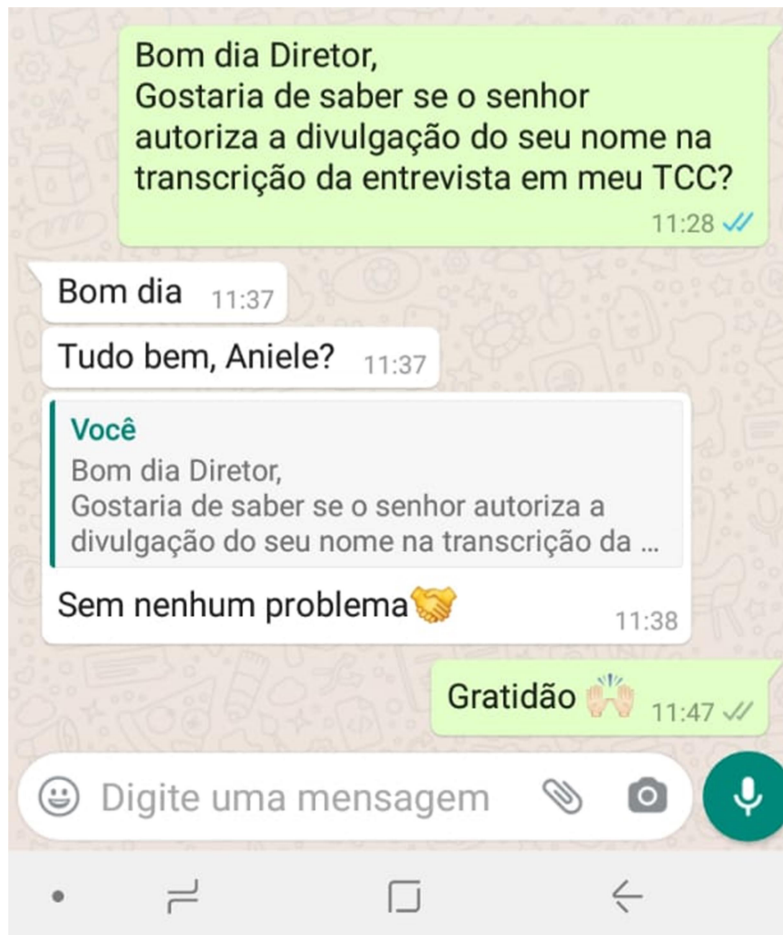
Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE C – Autorização de identidade dos entrevistados (Diretora Adjunta)



Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE D – Autorização de identidade dos entrevistados (Diretor)



Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE E – Convite virtual da entrevista

**LIVE:** **DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

07/12  
14 hs

  
**Cloves de Sousa**  
Diretor

  
**Solange Brito**  
Diretora Adjunta

  
**Leidinaura Weis**  
Coordenador a pedagógica

  
**Aniely Lara**  
Academica de Letras

 **@anielylara**

Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE F – Transmissão da entrevista

 **Aniely Lara** estava ao vivo de uma sala do Messenger. ...

7 de dez de 2020 • Nioaque • 🌐

Entrevista com representantes da Escola Estadual Odete Ignêz Resstel Villas Bôas, sobre os desafios e adaptações do ensino remoto emergencial.



  37      11 comentários • 2 compartilhamentos

 Curtir       Comentar       Compartilhar

Fonte: Página pessoal no Facebook

## APÊNDICE G – Roteiro de apresentação

### ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO: “DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL”

#### Abertura:

Agradecimento pela oportunidade ocasionada pela Profa. Maria de Lourdes e UEMS;

Agradecimento à escola Odete e seus representantes;

Apresentação da ministrante e dos convidados; apontar brevemente a trajetória de cada um na Escola Odete, resgatar a vivência que teve neste ambiente, falar sobre a importância de se aprender a partir do que se vive.

Breve contextualização do cenário pandêmico e da proposta (importância dos Multiletramentos e TIDCS no ensino)

Apontar a interação e o hibridismo presente na entrevista (universidade/escola/alunos acadêmicos e escolares/ professores/ gestão escolar/ coordenação pedagógica/comunidade);

#### MEIO (ENTREVISTA):

Reflexão e apontamentos sobre BNCC e teoria dos multiletramentos, sobre o uso das TIDCS no ensino anteriores à pandêmica. (Falar sobre a estrutura tecnológica da escola: (equipamentos, internet, recursos e políticas públicas)). Como se dava a inclusão digital e o uso das TIDCS antes da pandemia na escola?

Qual é a clientela da Instituição (modalidades de ensino ofertadas, condições sociais e digitais?). Aqui falaremos sobre as dificuldades ocasionadas pela exclusão social e digital, bem como sobre as estratégias que a escola criou para enfrenta-las – escolha da plataforma, material impresso, empenho dos professores com recursos oriundos de suas residências.

- 1- Que tipo de suporte (cursos, formação, incentivo) a Instituição e os professores receberam durante esse processo, uma vez que a escola é mantida pelo Governo do Estado.
- 2- Sabemos que o contato aluno/professor (face a face, olhar nos olhos e a partir disso identificar dúvidas, inseguranças, receios) contribui para o processo de ensino aprendizagem, como tem sido ensinar sem esse contato, sem observar as reações dos alunos? Quais são os sentimentos dos professores diante desse distanciamento?
- 3- Diante da vivência e da necessidade de mergulhar nas TIDCS, existem fatores muito positivos quanto a romper a barreira tecnológica que existia nas comunidades escolares em geral. A pandemia nos jogou para a prática abruptamente e sem aviso prévio, não há dúvidas de que ela deixará sua herança para a educação. Nesse sentido quais são as perspectivas futuras quanto ao uso das novas tecnologias na escola?

#### Final:

Apontar as interações sociais que a escola faz através de suas redes sociais, e o que isso causa na comunidade nesse cenário, bem como demonstrar que mesmo distante é possível interagir e incluir. Aqui usarei fotos e vídeos postados pela escola no Facebook.

Agradecimentos e despedida.

Fonte: Autoria própria

## ANEXO A – Decreto n. 15.393, de 19 de março de 2020

Diário Oficial Eletrônico n. 10.117

17 de março de 2020

Página 2

**DECRETO NORMATIVO****DECRETO Nº 15.393, DE 17 DE MARÇO DE 2020.**

*Acrescenta o art. 2º-A ao Decreto nº 15.391, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas temporárias a serem adotadas, no âmbito da Administração Pública do Estado de Mato Grosso do Sul, para a prevenção do contágio da doença COVID-19 e enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (SARS-CoV-2), no território sul-mato-grossense.*

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, no exercício da competência que lhe confere o art. 89, inciso VII, da Constituição Estadual, e

Considerando a necessidade de ampliação das medidas de prevenção do contágio da doença COVID-19 e as recomendações do Centro de Operações de Emergência;

Considerando a Nota de Esclarecimento do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação, de 16 de março de 2020, que determinou as medidas a serem tomadas pelo Sistema Nacional de Ensino;

Considerando o disposto nos arts. 17 e 32 da Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,

**DECRETA:**

Art. 1º Acrescenta-se o art. 2º-A ao Decreto nº 15.391, de 16 de março de 2020, com a seguinte redação:

*"Art. 2º-A. Ficam suspensas as aulas presenciais nas unidades escolares e nos centros da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, no período de 23 de março a 6 de abril de 2020, sendo que o período de 18 a 20 de março de 2020 será de adaptação para a comunidade escolar.*

§ 1º Ato da titular da Secretaria de Estado de Educação regulamentará o disposto no caput deste artigo.

§ 2º Orienta-se às redes públicas municipais de ensino e às instituições privadas de Educação Básica no território sul-mato-grossense a observância do disposto no caput deste artigo." (NR)

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campo Grande, 17 de março de 2020.

**REINALDO AZAMBUJA SILVA**  
Governador do Estado

**GERALDO RESENDE PEREIRA**  
Secretário de Estado de Saúde

**MARIA CECILIA AMENDOLA DA MOTTA**  
Secretária de Estado de Educação



A autenticidade deste documento pode ser verificada no endereço <http://imprensaoficial.ms.gov.br>



## ANEXO B – Resolução/SED n. 3745, de 19 de março de 2020.

Diário Oficial Eletrônico n. 10.120

19 de março de 2020

Página 2

**ATOS NORMATIVOS DA ADMINISTRAÇÃO DIRETA****Secretaria de Estado de Educação**

RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020

*Regulamenta o Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020, e a oferta de Atividades Pedagógicas Complementares nas Unidades Escolares e Centros.*

A SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL, no uso das atribuições legais, considerando o disposto no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre medidas temporárias a serem adotadas no âmbito da Administração Pública do Estado de Mato Grosso do Sul, para prevenção do contágio da doença COVID-19, e suspendeu as aulas presenciais nas unidades escolares e nos centros da Rede Estadual de Ensino,

**RESOLVE:**

Art. 1º Para cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais o estudante tem direito, conforme legislação, nas escolas da Rede Estadual de Ensino será ofertada Atividade Pedagógica Complementar – APC, durante o período de suspensão das aulas presenciais prevista no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020.

**CAPÍTULO I****DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS COMPLEMENTARES  
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Art. 2º Compete à Direção Escolar estabelecer, em conjunto com a equipe técnico-pedagógica, o modo de comunicação com o estudante, se maior de idade, ou pai/mãe ou responsável, se menor de idade, a fim de garantir o envio e recebimento das Atividades Pedagógicas Complementares – APC, a serem realizadas pelo estudante no período de suspensão das aulas presenciais, conforme estabelecido em legislação.

§ 1º O modo de comunicação a ser estabelecido pode ser físico ou virtual, dependendo das condições de acesso do estudante, priorizando os meios de comunicação não presencial, a fim de evitar a circulação de pessoas na escola.

§ 2º A distribuição aos estudantes e os prazos de entrega e recebimento da APC serão de responsabilidade da equipe técnico-pedagógica da escola.

Art. 3º Compete ao Coordenador Pedagógico, em relação à Atividade Pedagógica Complementar:

I – solicitar aos docentes as atividades escolares que deverão ser apresentadas à coordenação pedagógica, em conformidade com as orientações emanadas pela Secretaria de Estado de Educação;

II – acompanhar todo o processo de execução da APC para as orientações e intervenções necessárias.

III – articular contato direto com a família ou responsável pelo estudante, por meio dos canais de comunicação estabelecidos pela Direção Escolar, para repasse e recebimento das atividades escolares e providências docentes.

IV – acompanhar a devolução da APC realizada pelos estudantes e garantir o processo avaliativo contínuo a ser realizado pelos docentes.

Art. 4º Compete ao docente:

I – Planejar e elaborar a APC em consonância com os documentos curriculares emanados da Secretaria de Estado de Educação, que deverá ser apreciada pela coordenação pedagógica;

II – criar canal de comunicação a fim de sanar possíveis dúvidas dos estudantes, família ou responsáveis, no que diz respeito à APC, de forma a orientar e garantir a qualidade do serviço prestado;

III – arquivar a APC para fins de comprovação do cumprimento do currículo, da avaliação do rendimento escolar, da carga horária anual e dos dias letivos aos quais o estudante tem direito, e posterior repasse ao Coordenador Pedagógico.

Art. 5º O docente que realiza Atendimento em Ambiente Domiciliar deverá atender ao disposto no art. 4º, conforme área de conhecimento e carga horária já estabelecida.



GOVERNO  
DO ESTADO  
Mato Grosso do Sul



A autenticidade deste documento pode ser verificada no endereço <http://imprensaoficial.ms.gov.br>



Art. 6º Compete ao estudante, se maior de idade, ou sob a supervisão de pai/mãe ou responsável, se menor de idade, realizar a APC de todos os componentes curriculares propostos pelos docentes e devolvê-las nos prazos estabelecidos pela equipe técnico-pedagógica.

Art. 7º Ao estudante que cumpre o Regime de Progressão Parcial (RPP), além de realizar a APC, oportunizar-se-á o envio do Plano de Estudo, que deverá ser resolvido pelo estudante e convertido pelo docente em média escolar até o final do bimestre.

Parágrafo único. Para os estudantes que cumprem o Plano de Estudo Especial, deverá ser priorizado o envio do plano de estudo, a ser resolvido pelo estudante e convertido pelo docente em média escolar até o fim do bimestre.

## CAPÍTULO II DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Art. 8º Ao estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que está matriculado em turma do Projeto Conectando Saberes, deverá ser oferecida Atividade Pedagógica Complementar (APC), organizada por eixos temáticos constantes do Projeto Pedagógico do Curso e com proposta interdisciplinar e transversal, utilizando mídias gratuitas e de acesso ao público da EJA, quando possível.

Art. 9º Ao estudante da Educação de Jovens e Adultos, que está matriculado no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos, deverá ser oferecida Atividade Pedagógica Complementar que considere os conhecimentos descritos na matriz curricular do Projeto Pedagógico do Curso, os fundamentos da modalidade EJA, utilizando-se mídias gratuitas e de acesso ao público da EJA, quando possível.

Art. 10. Aos professores da EJA cabe o planejamento, a comunicação junto à coordenação para estabelecimento das vias de entrega e recebimento, da correção das atividades e da comunicação entre os estudantes, utilizando-se mídias gratuitas e de acesso ao público da EJA.

Art. 11. Os períodos de estudo constante dos Projetos de Curso e previstos no Calendário Escolar serão mantidos e realizados à distância a partir de orientações encaminhadas pela Superintendência de Políticas Educacionais – SUPED/SED.

## CAPÍTULO III DOS ESTUDANTES PÚBLICO DA CORREÇÃO DE FLUXO

Art. 12. Ao estudante dos Projetos de Curso Avanço do Jovem na Aprendizagem (AJA/MS), etapas ensino fundamental e ensino médio, poderá ser oferecida Atividades Pedagógicas Complementares por área de conhecimento ou por componente curricular utilizando-se a metodologia da problematização, com fomento à pesquisa em diferentes fontes e formas de registro para consolidação do aprendizado.

Art. 13. Aos profissionais da equipe multidisciplinar (Coordenação de Projeto, Assessor e Coordenador de Qualificação Profissional) cabe a comunicação entre professores e estudantes, bem como acompanhamento dos planejamentos e das APCs.

Art. 14. O psicólogo educacional integrante da equipe multidisciplinar dará suporte para a equipe multidisciplinar nas questões relativas aos estudantes público-alvo do Projeto AJA/MS.

## CAPÍTULO IV DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E NORMAL MÉDIO

Art. 15. A Atividade Pedagógica Complementar a ser ofertada para estudante público da Educação Profissional deve estar em conformidade com o Projeto Pedagógico do curso/ementa.

Art. 16. A APC deve ser construída de maneira que o professor desenvolva o papel de orientador e facilitador da aprendizagem, para que cada estudante construa, de modo relativamente independente e criador, o conhecimento proposto e sua autonomia.

Parágrafo único. Os conteúdos previstos na APC poderão ser desenvolvidos por meio de atividades diversas, tais como projetos, relatórios, pesquisas, preparação de seminários, estudos dirigidos, estudos de caso, observações, videoaulas, *podcasts*, *webquest*, formulários, lista de exercícios, aplicativos e plataformas, na forma *off-line* e/ou *on-line*.

CAPÍTULO V  
DOS ESTUDANTES PÚBLICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Art. 17. Os professores especializados em educação especial, quais sejam: professores de apoio em ambiente escolar, professores do Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recursos Multifuncional, tradutor intérprete de Libras, instrutor mediador da modalidade sinalizada ou oral e guia intérprete, em articulação com o professor regente e a equipe pedagógica da escola, ficarão responsáveis pelas adequações das atividades, dos materiais dos estudantes público da educação especial.

§ 1º Os professores de apoio que atuam em ambiente domiciliar com estudantes público da educação especial, deverão seguir as mesmas orientações constantes no *caput*.

§ 2º Nas turmas que dispõem de professor de apoio, tradutor intérprete de libras, instrutor mediador da modalidade sinalizada ou oral e guia-intérprete, esses profissionais serão responsáveis pela adequação das atividades organizadas pelos professores regentes para todos os estudantes público da educação especial matriculados nesta turma.

§ 3º Na adequação da atividade deverão ser considerados:

- I- O Plano Educacional Individualizado- PEI
- II- O grau de autonomia para execução da atividade, com mediação dos familiares;
- III- O recurso educacional especializado necessário para execução da tarefa em casa;

§ 4º As atividades desenvolvidas deverão ser devolvidas e avaliadas conforme previsto no Plano Educacional Individualizado e arquivadas no portfólio do estudante.

Art. 18. O professor do Atendimento Educacional Especializado - AEE da Sala de Recursos Multifuncional e a equipe técnico-pedagógica deverão ser responsáveis pela adequação das atividades organizadas pelo professor regente para os estudantes público da educação especial que não dispõem de professor de apoio.

Parágrafo único. Para adequação das atividades deverão ser consideradas as mesmas orientações dispostas no parágrafo 3º do artigo 16.

Art. 19. Cabe ao professor especializado em educação especial orientar quanto à disponibilização dos recursos de acessibilidade.

§ 1º Para os estudantes cegos, quando houver disponibilidade e necessidade, a máquina Perkins poderá ser disponibilizada durante o período de execução das atividades pedagógicas complementares no ambiente domiciliar, por meio de termo de comodato elaborado pela escola.

§ 2º O professor de sala de recursos e/ou professor de apoio serão responsáveis pela transcrição *braille* para tinta, tinta para *braille*.

§ 3º O professor da Sala de Recursos Multifuncional e/ou professor de apoio deverão ampliar as atividades para os estudantes com baixa visão de acordo com a fonte especificada na avaliação funcional da visão.

§ 4º Para os estudantes surdos, os tradutores-intérpretes de libras e instrutores-mediadores modalidade sinalizada deverão adequar os vídeos gravados pelos professores regentes, por meio de janela de interpretação ou produção de vídeo sinalizado com o mesmo conteúdo.

§ 5º Para os estudantes com deficiência intelectual, deve-se privilegiar atividades que contenham imagens, textos curtos e comandos objetivos, com grau de complexidade adequada e simplificada.

Art. 20. Os técnicos da Educação Especial dos Centro Estaduais de Atendimento ao Público da Educação Especial e dos Núcleos de Educação Especial - NUESPs, nas Coordenadorias Regionais de Educação - CREs, deverão criar mecanismos de contato para acompanhamento, assessoramento e orientações aos docentes e equipe técnico-pedagógica na organização das atividades pedagógicas complementares para ambiente domiciliar.

Art. 21. Durante o período de suspensão das aulas presenciais, serão disponibilizados estudos complementares para os profissionais que atuam nos serviços de apoio da educação especial, no formato não presencial, sob organização e monitoria da Coordenadoria de Políticas para a Educação Especial - COPESP/ SUPED/SED.



**CAPÍTULO VI**  
**DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

Art. 22. A escola deverá permanecer aberta ao público, usuário desse serviço, nos períodos matutino e vespertino.

Art. 23. O atendimento ao público deverá ser realizado pelo Diretor, Diretor Adjunto e Secretário Escolar.

Art. 24. Compete à Direção Escolar organizar escala de serviço dos servidores administrativos, da coordenação pedagógica e dos assessores pedagógicos, conforme necessidade, para manutenção dos serviços da escola.

Art. 25. A carga horária de trabalho do corpo docente, incluindo o que atua nos serviços da Educação Especial, poderá ser cumprida em domicílio.

Parágrafo único. Conforme determinação da Direção Escolar, o docente deverá comparecer à escola sempre que requisitado.

Art. 26 Para o cumprimento do disposto nesta Resolução, em relação ao registro de frequência dos servidores, deve ser observado:

I- a assinatura da folha de frequência do servidor somente ocorrerá quando do cumprimento da jornada de trabalho na escola.

II- da folha de frequência dos servidores, dispensados conforme escala de serviço determinada pela Direção Escolar, deverá constar traço com o registro no campo de observação do inciso II do art. 14 do Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020.

Art. 27. Os docentes deverão manter nos registros do Sistema de Gestão de Dados Escolares - SGDE:

I- planejamento *online*.

II- diários de classe *online*, sendo que o campo frequência deverá ser tracejado no período de suspensão de aulas presenciais.

III- excetua-se do disposto no inciso II a Educação de Jovens e Adultos no Sistema Prisional de Mato Grosso do Sul.

Art. 28. Para a realização do estabelecido nesta Resolução deverá ser instituída uma ação pedagógica colaborativa entre toda a comunidade escolar no desenvolvimento de atividades que vão além das rotinas estabelecidas no cotidiano da escola.

Art. 29. As Coordenadorias Regionais de Educação deverão acompanhar e monitorar a aplicação do disposto nesta Resolução nas escolas da Rede Estadual de Ensino sob sua jurisdição.

Art. 30 Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria de Estado de Educação, por meio do setor competente.

Art. 31 Esta Resolução possui caráter regimental.

Art. 32 Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Campo Grande-MS, 19 de março de 2020.

**MARIA CECILIA AMENDOLA DA MOTTA**  
Secretária de Estado de Educação



GOVERNO  
DO ESTADO  
Mato Grosso do Sul



A autenticidade deste documento pode ser verificada no endereço <http://imprensaoficial.ms.gov.br>